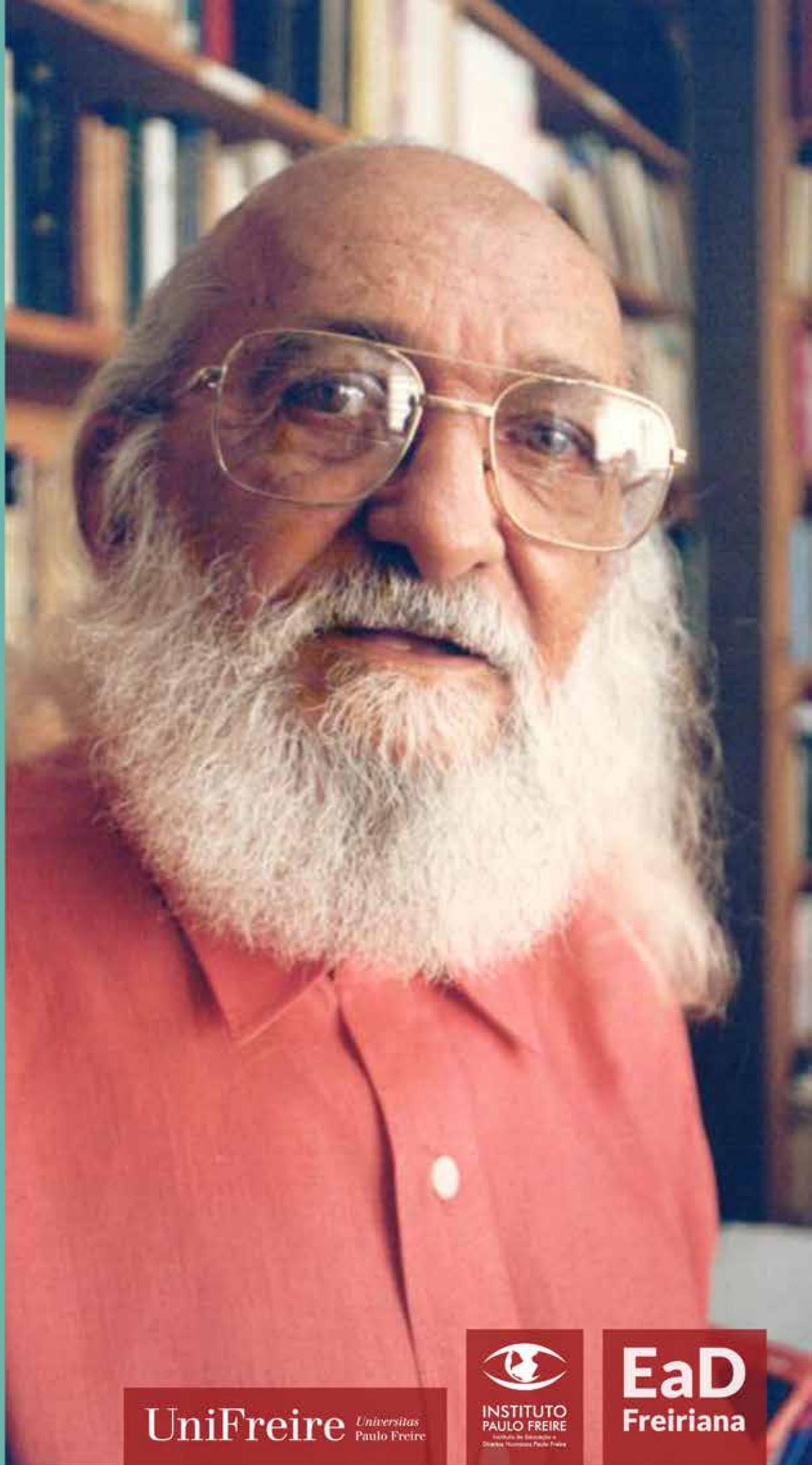


50 olhares sobre os
50 anos da Pedagogia do Oprimido



UniFreire *Universitas*
Paulo Freire



INSTITUTO
PAULO FREIRE
Instituto de Educação e
Direitos Humanos Paulo Freire

EaD
Freiriana

50 olhares sobre os 50 anos da Pedagogia do Oprimido

Paulo Roberto Padilha
Janaina Abreu
Moacir Gadotti
Ângela Biz Antunes
(Organizadores)

1ª edição
São Paulo, 2019

Instituto Paulo Freire

Expediente

Instituto Paulo Freire

Patrono | Paulo Freire

Presidente de Honra | Moacir Gadotti

Diretores Pedagógicos | Ângela Antunes, Francisca Pini e Paulo Roberto Padilha

Coordenadora Gráfico-Editorial | Janaina Abreu

Organizadores | Paulo Roberto Padilha, Janaina Abreu, Moacir Gadotti e Ângela Biz Antunes

Revisão Técnica | Francisca Pini, Janaina Abreu, Simone Lee, Paulo Roberto Padilha, Sheila Ceccon e Sonia Couto

Projeto Gráfico, diagramação e arte-final | Pablo Mazzucco

EaD Freiriana

Coordenação Geral | Paulo Roberto Padilha

Equipe Pedagógica | Ângela Antunes, Francisca Pini, Moacir Gadotti, Paulo Roberto Padilha, Sheila Ceccon e Sonia Couto

Coordenação de Comunicação e Produção Gráfico-Editorial | Janaina Abreu

Equipe de TI, Suporte Técnico e Audiovisual | Plínio Pinheiro e Simone Lee

Captação de Imagem e Som | Bernardo Baena e Plínio Pinheiro

Edição e Tratamento de Imagem, Áudio e Vídeo | Bernardo Baena

Gestão Administrativa, Financeira e Contábil | Cláudio Nogueira, Plínio Pinheiro, Simone Lee e Valdete Melo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

50 olhares sobre os 50 anos da pedagogia do oprimido [livro eletrônico] / Paulo Roberto Padilha...[et al.], [organizadores]. -- 1. ed. -- São Paulo : Instituto Paulo Freire, 2019. 3.964 Kb ; PDF

Outros organizadores: Janaina Abreu, Moacir Gadotti, Ângela Biz Antunes.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-60867-25-7

1. Educação - Filosofia 2. Freire, Paulo, 1921- 1997 - Crítica e interpretação 3. Freire, Paulo, 1921-1997. Pedagogia do oprimido 4. Sociologia educacional I. Padilha, Paulo Roberto. II. Abreu, Janaina. III. Gadotti, Moacir. IV. Antunes, Ângela Biz.

19-23799

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Freire, Paulo : Pedagogia do oprimido : Educação 370.1

Maria Paula C. Riyuzo - Bibliotecária - CRB-8/7639

Sumário

PREFÁCIO Moacir Gadotti	5
1. O QUE ESPERAR DA ESCOLA E DO PROFESSOR DE HOJE Alessandra Polo	7
2. QUEM EU FUI, QUEM EU SOU: A EDUCAÇÃO ME TRANSFORMOU Antônia Lemos Braga de Moraes	9
3. PEDAGOGIA DO OPRIMIDO, TANTOS ANOS DEPOIS... Avani Maria de Campos Corrêa	11
4. PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E A MINHA PRÁXIS Ayala de Sousa Araújo	13
5. DA OPRESSÃO À EMANCIPAÇÃO Bruna Lucena Biscaia	15
6. O PODER DA TRANSFORMAÇÃO Christiane Martins Oliveira	16
7. PEDAGOGIA QUE LIBERTA MEDIANTE A DO-DISCÊNCIA Cleiton Purcari	18
8. NA TRILHA DA BUSCA PELA HUMANIZAÇÃO Cristiane Ferreira Português	20
9. CORPO CONSCIENTE E OS CÍRCULOS DE ENVOLVIMENTO (CIBER)CULTURAL Daniel Glaydson Ribeiro	22
10. ENTRE FREIRE E FANON: UM DIÁLOGO TRANSATLÂNTICO SOBRE A OPRESSÃO Diego da Costa Vitorino	24
11. PEDAGOGIA DO OPRIMIDO, UM DIVISOR DE ÁGUAS NA MINHA VIDA Edinir Pedrozo Campos	26
12. PEDAGOGIA DA PALAVRA Edite Marques de Moura	27
13. A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E UM NOVO SONHO DE LIBERDADE 50 ANOS DEPOIS Elaine Cristina Estevam	29
14. O DIA A DIA DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO Elisângela Maria Oyan	31

15. A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E A FORMAÇÃO PARA A AÇÃO SOCIAL EM SAÚDE	
Elomar Castilho Barilli	33
16. PAULO FREIRE, PRESENTE!	
Fabíola Andrade Pereira	35
17. PAULO FREIRE: UM GUIA PARA NOVOS TEMPOS SOMBRIOS	
Filipe Augusto Senff	37
18. PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: MEIO SÉCULO DE/PELA RESISTÊNCIA	
Flávia Alves Bonsanto	39
19. PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS	
Francisca Rodrigues de O. Pini	41
20. PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: SABERES INDISPENSÁVEIS À PRÁTICA EDUCATIVA	
Geová Queiroz da Silva	43
21. PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: EDUCAÇÃO E LIBERDADE	
Ivana Pinto Ramos	45
22. PARA ALÉM DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO	
Janaina Abreu	47
23. ONTEM E HOJE: UM GRITO FREIRIANO POR LIBERDADE	
Jeanete Simone F. Höelz	49
24. PEDAGOGIA TRANSMEDIA DO OPRIMIDO: UM NOVO DESAFIO	
João Gabriel Almeida	51
25. A MINHA DESCOBERTA COMO HOSPEDEIRO DO OPRESSOR	
José de Ribamar Muniz Ribeiro Neto	53
26. LIÇÕES REVOLUCIONÁRIAS DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO	
Josiane Nazaré Peçanha de Souza	55
27. O DIÁLOGO E A INTERSUBJETIVIDADE EM PAULO FREIRE	
Júlia Hélio Lino Clasen	57
28. NÃO SE NASCE OPRIMIDA, TORNA-SE!	
Juliana Ramos da Costa Henrique	59
29. A LIÇÃO NÃO APRENDIDA, MAS REPREENDIDA: O QUE SEREMOS DE NÓS, OS OPRIMIDOS?	
Jussara Galhardo Aguirres Guerra	61

30. PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: REFLETINDO AS IDEIAS DE FREIRE Lúcia Alves de Aquino	63
31. POR UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA Luiza de Almeida Oliveira	65
32. ESPERANÇAR NA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO Marcela Fraga Gonçalves Campos	67
33. O MÉTODO FREIRE E SEU USO NA ALFABETIZAÇÃO INICIAL Maria Gildacy Araujo Lôbo Gomes	69
34. CAMINHO PERCORRIDO: TEMPOS E ESPAÇOS Marilene de Fátima Pacheco dos Santos	71
35. PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: UMA HISTÓRIA SEM FIM Martinho Condini	73
36. O FUTURO CIDADÃO REFLEXIVO NA PRÁXIS EDUCATIVA Nair Alves dos Santos Silva	75
37. LEIA, CONTE E SE ENCANTE EM UMA PERSPECTIVA FREIRIANA Nívea Silvestre da Conceição Costa	77
38. O “GUARDIÃO DA UTOPIA” E O MEIO SÉCULO DE SUA INSPIRADORA E REVOLUCIONÁRIA OBRA Noelia Rodrigues Pereira Rego	79
39. AUTONOMIA E MUDANÇA: OS PAPEIS DA EDUCAÇÃO Patrícia Vieira Santos	81
40. O GRITO DOS EXCLUÍDOS Paulo de Sá Filho	83
41. FREIRE, REFLEXÕES PARA HUMANIZAÇÃO Robson Andrade Costa	85
42. NA MELODIA DE FREIRE Rosemara C. S. Ribeiro Cassimiro	87
43. A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUE QUEREMOS PARA O NOVO APRENDIZ Rozineide Iraci Pereira da Silva	89
44. PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO Sabrina Stein	91

45. A SUSTENTABILIDADE E A RELAÇÃO OPRESSOR-OPRIMIDO	
Sheila Ceccon	93
46. EAD FREIRIANA: EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NUMA PERSPECTIVA DIALÓGICA E EMANCIPADORA	
Simone Lee	95
47. PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E A VIOLÊNCIA CONTRA OS PROFESSORES	
Solange Martins Oliveira Magalhães	97
48. A EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS COMO POSSIBILIDADE DE LIBERTAÇÃO DO OPRIMIDO	
Sonia Couto Souza Feitosa	99
49. ROMPENDO A OPRESSÃO	
Tatiane Chaves da Silva	101
50. SOCIODRAMA E EDUCAÇÃO: EPISTEMOLOGIAS FREIRIANAS	
Yandra de Oliveira Firmo	102
POSFÁCIO - 50 OLHARES SOBRE OS 50 ANOS DO LIVRO PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: AS RELAÇÕES HOMENS-MUNDO	
Ângela Biz Antunes e Paulo Roberto Padilha	104

PREFÁCIO

Moacir Gadotti¹

Em 2018, o livro *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, fez seu 50º aniversário, levando em conta que ele assina os manuscritos datando-os na “Primavera de 68”.

Ernani Maria Fiori foi, talvez, o primeiro leitor dos manuscritos, depois da leitura de Elza Freire que acompanhou a sua escrita mais de perto. Fiori, no prefácio do livro, destaca neles que “não há palavra verdadeira que não seja práxis” e que “aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra”, anunciando quase a síntese do livro.

Nesses 50 anos de existência muito foi dito e escrito sobre esse livro. Paulo plantou uma semente que deu muitos frutos, inspirando muita gente, como os 50 autores e autoras deste E-book, fruto da segunda edição do curso da EaD Freiriana, *A escola dos meus sonhos*.

Neste livro há uma variedade de abordagens da *Pedagogia do Oprimido*, como numa polifonia, um verdadeiro exercício de transversalidade e de cruzamento de fronteiras que só uma obra aberta, como a de Freire, poderia inspirar. Vi desdobrando-se os temas da autonomia, da cidadania e da utopia, tão caros a Freire, os círculos de cultura no mundo atual e as epistemologias freirianas.

Destaco ainda o tema da humanização, tão relevante frente à desumanização crescente na qual vivemos confrontados hoje. *Pedagogia do Oprimido* torna-se, assim, uma espécie de mapa de navegação em tempos nebulosos.

Encontramos neste livro também a forte marca pessoal do quanto esta obra tocou corações e mentes de seus leitores e leitoras, o que dá razão a Freire quando sustenta que não há palavra verdadeira que não se transforme em práxis. Surge o diálogo, a intersubjetividade, o esperar, como exigências desses novos tempos se quisermos chegar mais longe nessa caminhada civilizatória.

Nos dias em que vivemos, precisamos muito exercitar a escuta, o diálogo entre diferentes, numa conectividade radical, para “tornar o mundo um lugar onde seja menos difícil amar”, como ele afirma no final da sua *Pedagogia do Oprimido*, como um apelo ao esperar.

A esperança nos possibilita a superação, na prática, da visão mecanicista da História, na qual o futuro é pré-determinado e previsível. E isso não vale só para os docentes. Vale para todos os seres humanos. Como um pressuposto da existência humana, a esperança pode ser vivenciada em qualquer atividade: na prática do esporte, na prática jornalística, na política,

1. Presidente de Honra do Instituto Paulo Freire

em casa, entre os familiares, na prática clínica, psicológica, terapêutica, artística, na prática da justiça e da paz, no enfrentamento da discriminação, do preconceito, da intolerância e do ódio, em todas as dimensões da vida e em todas as ações humanas.

A Pedagogia do Oprimido é um marco na história do pensamento pedagógico universal. Como livro síntese da concepção libertadora da educação, ele desvelou as artimanhas da pedagogia do colonizador e colocou um poderoso instrumento de luta nas mãos dos oprimidos, dos que com eles são solidários e dos que com eles lutam.

Esses 50 olhares, ao retomar a leitura dessa obra, servem também como um estímulo a prosseguir diante de inevitáveis desafios e dificuldades.

Paulo Freire deixou, como legado, uma visão de mundo, uma filosofia, um método de investigação e de pesquisa ancorado numa antropologia e numa teoria do conhecimento, imprescindíveis não só para educadores, mas para todos aqueles e aquelas que acreditam na possibilidade de criação de um mundo mais justo e solidário.

Fico feliz ao prefaciar este E-book, constatando que, 50 anos depois, *Pedagogia do Oprimido* continua inspirando tantos e tantas na construção de um outro mundo possível.

1 O QUE ESPERAR DA ESCOLA E DO PROFESSOR DE HOJE

Alessandra Polo²

Pensar na missão Escola, remete-nos ao processo de maturação do indivíduo ao longo da vida, na relação com os seres e elementos da natureza. Essa construção é ação da educação transformadora com traços conservadores e críticos. Nessa perspectiva, conceituar o sistema escolar é valer-se da construção do conhecimento e dos saberes estruturados nos séculos precedentes e, também, no século XXI.

Espera-se, portanto, que a escola e seus envolvidos, em tempo tecnológico e conhecimento facilmente disponibilizado, ajustem-se à geração conectada, a fim de reestruturar os objetivos da aprendizagem, a função social e o papel do agente formador, sendo esse, um grande desafio no quadro caótico em transições sociais, morais e políticas.

Entretanto, a meta é a idealização do espaço escolar, com investimento na preparação de educadoras e educadores preparados para a reconstrução do conhecimento significativo, demolindo barreiras estruturais e um ensino apenas propedêutico, na defesa para solidez do fazer pedagógico e novos espaços educativos dinamizadores na revolução do pensar e agir dos educandos por meio de seus competências e acesso ao nível mais elevado do ensino.

Historicamente, os talentos e a liberdade de expressão, ofuscados com total supremacia de uma educação tradicional e, até mesmo, rançosa, não eram manifestados, sendo as informações dominadas como absolutas e fidedignas, pautadas nos modelos conservadores e princípios religiosos pelas instituições patrísticas e escolásticas como referências morais e hierárquicas, que perduram durante séculos e ainda marcados na Educação Brasileira.

Logo, a tendência tradicional, técnica e produtiva no mundo capitalista, condicionante à propagação de pensamentos na organização sistêmica, atravessam costumes e culturas, rompidos pelo pragmatismo e nova proposta para a estruturação social, dinamizados pela autonomia, experimento, pleno desenvolvimento do estudante, cidadania e preparo para o mundo do trabalho com igualdade de condições para permanência e conclusão de seus estudos.

Vale ressaltar, que a desconstrução de padrões são intervenções necessárias, para romper o ensino bancário no contexto global e humanístico, priorizando os processos formativos garantidos pela educação pública, gratuita, inserindo o homem no mundo com pluralismo de conceitos e valorização de experiências.

2. Membro da Academia de Letras, Pós-Graduada em Orientação, Supervisão e Inspeção Escolar, Coordenadora Pedagógica, escritora com publicações em Antologias, Contos e Artigos. alessandrapolo@gmail.com.

Portanto, a educação libertadora dissemina ideias voltadas para a maturação da capacidade do indivíduo por meio da diversidade e emancipação. Por conseguinte, o novo “olhar” da sociedade entrecruza etnias, crenças e cultura, na direção da escola como espaço de debate e menos segregadora e mais integrada.

Com base na construção da cidadania e da ética, o ensino é visto como instrumento de agregação e consolidação na construção da convivência em sociedade. É pertinente, portanto, um grande movimento entre os educadores, família e cidadãos na percepção da articulação participativa, sendo o aprendiz o sujeito de sua cognição, com necessidades especiais e assimilação do conhecimento por meio de atividades variadas, com o compromisso de erguer uma nova visão na organização da sociedade e atuação no contexto escolar impactada pelo progresso tecnológico, com aprendizagem que não se restrinja apenas ao espaço e instituições escolares. Nessa lógica, caminhamos para aprendizagem tendo como suporte, o currículo oculto, inclusão, promoção social, liberdade de aprender e divulgar criações, pensamentos e pesquisas, tendo como suporte à abordagem de conhecimentos prévios em estágios do desenvolvimento humano e sua formação integral na arte do bem viver.

2 QUEM EU FUI, QUEM EU SOU: A EDUCAÇÃO ME TRANSFORMOU

Antônia Lemos Braga de Moraes³

Os homens da Terra

*... Senhores Donos da Terra
Juntai vossa rica tralha
Vosso cristal, vossa prata
Luzindo em vossa toalha
Juntai vossos ricos trapos
Senhores Donos da terra
Que os nossos pobres farrapos
Nossa juta e nossa palha
Vêm vindo pelo caminho
Para manchar vosso linho
Com o barro da nossa guerra:
E a nossa guerra não falha! ...*

Vinícius de Moraes

A arte de falar de si mesmo é tão complexa quanto filosofar sobre a vida. Então eu peguei e nasci! Rompendo a normalidade, já nasci gêmea com uma menina; somos as filhas do meio, exatamente do meio; pois antes de nós, quatro filhos; depois de nós, também mais quatro. Filhos de agricultores, não agricultores donos de terras, nem assentados, nem sem terras.

Meus pais eram, especificamente, peões, trabalhadores de fazendas, faziam empreitas de roça no período das colheitas de cacau, milho, feijão, mandioca, os filhos todos pequenos viviam nomandiando de roça em roça, de barracos em barracos enquanto durassem as empreitas, também era o período de vivência naquele território. Estudar não era uma obrigação. Assim se passaram os primeiros seis anos de minha vida, até a morte da mãe, adoção dos filhos mais novos, novos lares, separação dos entes queridos, da irmã gêmea, do pai, dos demais irmãos.

Fui morar em um sítio também com agricultores; novo pai, nova mãe; meeiros de cacau em uma roça de um novo tio. Dois anos ali, as lembranças são infantis, vivas e reais; do trabalho infantil no cacau, na plantação de feijão, na casa de farinha, na colheita de milho. Dois anos, os novos

3. Mestranda em Educação PPGE/UFOPA/PA. Assistente Acadêmica EAD da Faculdade Educacional da Lapa-PR. Coordenadora de Educação Escolar Indígena SEMED/Novo Repartimento-PA.
antoniabra@yahoo.com.br.

pais deixam de ser meeiros e compram um sítio as margens do Rio Xingu. Viver de que? Pescar? Plantar mandioca para fazer farinha? Um ano, choque de cultura, crise econômica familiar. Vende-se o sítio e compra outro sítio; capim, pimenta, terra “ruim”. Criar gado? Conta-se nos dedos a quantidade cabeças de gado. Não se pode vender uma rês todo mês, mas, precisa-se “fazer a feira todo mês”. Dez anos, muito emocionadamente, bem vividos, primeiro ano escolar, alfabetização em escola rural, com educação, não tão rural assim.

Com três filhos para sustentar, a criação de gado de corte para quem entendia mesmo era de cacau; não deu muito certo. Garimpo é mais vantajoso. “Cuida da terra mulher! Vou fazer dinheiro!” Mais dois anos “perdidos”. A sina da nossa família é plantar cacau. Vende-se tudo e compra outro sítio, agora com oito mil pés de cacau. “Terra Boa”! A escola da Zona Rural “é fraquinha”, deixa esses meninos na cidade. Trabalha-se de sol a sol e põem esses meninos numa escola particular. “luta por bolsa de estudos”, todos os anos até se formar.

E assim foi minha adolescência; morando a sós na cidade com os dois irmãos adotivos mais novos para estudar, finais de semana, férias e feriado... Roça. Trabalhar para aprender a dar valor às coisas.

Aos vinte e dois anos concluí o Ensino Médio e ingressei na Universidade Federal do Pará no Campus de Altamira, no Curso de Pedagogia. Um ano depois, iniciei a carreira de magistério passando pela sala de aula, supervisão escolar, direção escolar e coordenação pedagógica de educação escolar indígena na qual até hoje estou e defendo com orgulho e solidez.

A aproximação das condições de vida em espaços tão diversos, tão precários e tão perversos me fez enxergar que a educação tem um papel terminante na vida das pessoas, todavia na vida das pessoas menos favorecidas economicamente, excluídas numa sociedade dominante, discriminadas por serem diferentes; a educação é a única ferramenta, o único meio e a única saída. É a própria emancipação; é a garantia de autonomia; é o direito obrigatório e necessário para transformar as pessoas e estas, mudarem o mundo. Isso tudo antes vivi. Isso tudo depois aprendi lendo *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire.

3 PEDAGOGIA DO OPRIMIDO, TANTOS ANOS DEPOIS...

Avani Maria de Campos Corrêa⁴

O título da obra flui da própria complexidade da desumanização como realidade histórica e concreta, causada pelo opressor aos seus oprimidos sem que eles tenham consciência de si e de classe. Freire faz uma análise política, ética, gnosiológica e ontológica do ser humano por meio da denúncia da desumanização, ao mesmo tempo em que anuncia a conscientização e a libertação dos oprimidos. E é justamente nesse movimento contínuo de busca que os homens questionam-se sobre outra probabilidade, ou seja, a humanização. Para Freire⁵ (2005, p.32), a humanização e a desumanização “são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão.”

A condição humana é entendida como inacabamento, incompletude, o que significa que estamos em processo permanente de ser mais. Assim, Freire sintetiza que essa é nossa vocação, vocação compreendida como desejo de liberdade e de justiça, pois implica em mudança de paradigmas, porque a educação se faz refletindo e agindo de maneira consciente em sua prática educativa cotidiana para transformá-la. Eis uma análise complexa, pois requer o exercício do diálogo, da consciência da sua finitude, da mudança de si mesmo e do mundo.

Além da questão política, adentramos na perspectiva ética de sua obra a fim de elucidar pontos obscuros referentes à ética pedagógica, visto que ele chama atenção para aqueles que vivem na opressão, dominação e dependência. A ética está relacionada à indignação provocada pelas injustiças e modos de opressão. Daí advém a característica fundante da pedagogia da libertação popular: a dialogicidade da relação educador – educando, a qual implica na interação entre as pessoas.

Ademais, a educação problematizadora é marcadamente reflexiva, dialógica, pois contrapõe a comunicação verticalizada, esvaziada de reflexão crítica como instrumento de domesticação do oprimido e preconizada pela educação bancária, que é antidialógica, alienante, transmissiva e domesticadora. Logo, é essencial reconhecer que a educação não pode ser concebida como transmissão de conhecimentos, pois o diálogo representa a expressão da ação e da reflexão do direito de ser mais.

4. Pedagoga, Mestre em Tecnologias, Comunicação e Educação, Professora da Educação Básica. Participação, por meio do artigo: Educomunicação: aspectos históricos e perspectivas no Brasil, no livro Educomunicação: reflexões e práticas na educação, Editora Navegando, 2018.

avacorrea@hotmail.com

5. FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, p.32.

Freire enxergou com clareza que a dialogicidade é a essência da educação como prática da liberdade. Para ele, o fundamento do diálogo é o amor⁶ (2005). Amorosidade concebida como dimensão política, pois implica em dialogar, conviver e respeitar o outro. Nesse sentido, o diálogo é utilizado para libertar os oprimidos, visto que as relações de respeito, diálogo, conscientização e ética desafiam a ressignificação dos papéis entre educadores e educandos: é justamente esse o diferencial para se estabelecer uma prática social transformadora.

Pedagogia do Oprimido é atual e cruza todas as fronteiras culturais e linguísticas por refletir o cenário social e cultural ora vivenciado. A proposta nele defendida é a de que por meio de uma pedagogia crítica e revolucionária podemos resgatar a utopia expressa numa concepção crítico-emancipatória, em que haja a possibilidade de diálogo, interação, transformação e mudança, além de atender aos desafios do tempo que está por vir, pois representa a perspectiva de que o social, esse túnel pouco acessível, deve ser o caminho próspero de uma sociedade justa.

6. Ibid, p.92.

4 PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E A MINHA PRÁXIS

Ayala de Sousa Araújo⁷

Minha trajetória acadêmico-profissional sempre esteve estreitamente relacionada a concepção de educação emancipatória e humanizadora (Paulo Freire). Na crença de que a escola não é o único, mas um importante meio para a instrumentalização necessária a processos de humanização e transformação da pessoa e consequentemente da sociedade. Inclusive, o primeiro livro de Paulo Freire que tive a oportunidade de ler foi *Pedagogia do Oprimido*. E foi ao ler e reler *Pedagogia do Oprimido* que compreendi a importância de se conhecer, de se entender e dialeticamente compreender o outro, compreender o mundo. Como nos diz Paulo Freire a consciência do mundo e a consciência de si se desenvolvem juntas, uma é guia da outra.

Minha prática de pesquisa e pedagógica está e busca estar permeada pelos fundamentos da Metodologia da Mediação Dialética (passagem da síntese a síntese). A reflexão é uma constante em meu fazer. Por isso, a defesa da escola pública, da universalização da escola pública e do conhecimento socialmente produzido, a luta pela transformação social da sociedade. Concordo e acredito no que é dito por Paulo Freire, que ao mudarmos, mudamos o mundo. Tudo isso, não faz sentido, senão no constante recriar de nossas práticas por meio da ação, do estudo, reflexão e ação. Na relação professor aluno pautada pelo respeito e postura profissional ética, estética, política, social. No sentido que se descubram sendo, no mundo, em uma sociedade que está sendo e que portanto, somos sujeitos de nossa destinação histórica. Considero estar contribuindo, em minha práxis, para efetividade daquilo que é o principal da escola: construção e desenvolvimento do conhecimento produzido pela humanidade e que precisa ser dialogado, socializado, universalizado, recriado de maneira solidária, ética, justa, inclusiva na escola. Tento refletir e me apropriar continuamente da visão de mundo dialética, por meio do conceito de praxiologia de Gramsci. Meus principais aportes teóricos são, portanto, Paulo Freire e Vygotski e outros autores em conformidade.

Paulo Freire precisa estar presente nas instituições escolares e nas universidades. Nas práticas de ensino, pesquisa, extensão e inovação. A obra *Pedagogia do Oprimido* continua atualíssima. Nos instiga para constante reflexão de nossa práxis. Práxis essa que precisa ser constantemente problematizada, o que requer e implica a necessidade de mediações pedagógicas intencionais, com vistas a superação da concepção de mercantilização da educação escolar. Por isso, precisamos refletir sobre o perfil do Pedagogo que trabalha nos anos iniciais. Precisamos estar

7. Mestre em Educação (UFS). Professora do Curso de Licenciatura em Física no Instituto Federal do Paraná, Campus Ivaiporã.
sousayala@gmail.com

abertos a conhecer, ler, dialogar, relacionar o conhecimento das ciências às problemáticas da realidade, do conhecimento do educando, no sentido de ampliar nossa visão de mundo, fundamentar nossa práxis em termos de emancipação nossa e de nossos educandos em busca das transformações estruturais, necessárias e essenciais, na educação e na sociedade.

Pedagogia do Oprimido nos instiga da importância em expressarmos nossa voz. Falar, ouvir, identificar e lutar por nossas pautas populares, da classe trabalhadora. A importância da autoria de professores e de alunos. Expressar nossas vivências, criações e recriações, nossa práxis de inserção no mundo. De nos sentimos provocados a ocupar espaços sociais e nas políticas existentes na perspectiva de participação na construção das políticas públicas que de fato favoreçam a construção de uma sociedade mais sustentável, mais justa para todos e todas.

Paulo Freire continua presente com suas obras e ideário a nos provocar para a luta por nossa democracia em nossos tempos atuais, por uma sociedade efetivamente democrática. E a democracia só se legitima pela incorporação das demandas específicas, preservando-se a ideia de igualdade real a ser assegurada pelo Direito. Daí questionar e lutar contra tudo o que é estruturante da sociedade capitalista: machismo, fascismo, homofobia, racismo. Em favor de uma educação pública crítica, problematizadora, do oprimido, aberta a participação das famílias, dos movimentos sociais, da classe trabalhadora.

5. DA OPRESSÃO À EMANCIPAÇÃO

Bruna Lucena Biscáia⁸

Como todo o legado amoroso e libertador de Paulo Freire, a Pedagogia do Oprimido (1968), é atemporal. Retrata o status quo da escola e da sociedade, que está carente de amor, alegria, empatia, colaboração e humanização.

Mediante incursão crítica e reflexiva sob a ótica da Pedagogia do Oprimido, pondero, problematizo e avalio a escola atual e desvelo as práticas que vão ao encontro de uma pedagogia libertária que caminha da opressão à emancipação de toda comunidade educativa.

Eu acredito na educação e na escola enquanto transformadora e emancipadora de uma sociedade. Corroborando com esta ideia, Freire (2000) aponta:

Se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda (FREIRE, 2000, p.67).

Nesse sentido, expresso nas próximas linhas, por meio da arte em forma de poesia, meu sonho e a utopia que me fazem caminhar enquanto educadora e cidadã.

Hoje, a escola autoritária
Centraliza poder,
Negando a democracia
Por meio do seu fazer

Veladamente oprime e exclui
Educandos, famílias e comunidade,
E assim contribui
Para manutenção do status quo da
sociedade

É preciso substituir o culto ao
conformismo
Pela conscientização social,
Fomentando a reflexão e a criticidade,

Desvelando a realidade
É preciso reconhecer-se como ser aprendente,
E na dialogicidade,
Aprender humildemente
O caminho da equidade

Extinguindo a opressão,
Humanizando, ressignificando e transformando,
A escola e toda comunidade educativa
Vislumbrarão a emancipação.

Vamos juntos?

8. Pedagoga, Mestranda em Ensino pela Universidade Metropolitana de Santos. Professora de Educação Básica.
brunalucenabiscaia@gmail.com.

6. O PODER DA TRANSFORMAÇÃO

Christiane Martins Oliveira⁹

O livro *a Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, comemora 50 anos de publicação. No decorrer desses anos tiveram diversos testemunhos das suas possibilidades de criação, recriação e de reinvenção da teoria e da práxis de Paulo Freire.

A carreira de professora iniciou em 2008, desde então amo o que faço e por este motivo fiz a faculdade de Licenciatura em Artes Visuais.

No ano de 2014 tive o primeiro contato com textos e obras de Paulo Freire, na Escola Técnica Estadual - ETEC, onde era professora de cursos técnicos, foi oportunizado através do Instituto Paulo Freire a exposição Memória 2005 - Paulo Freire. Tive a oportunidade de ajudar a organizar a Semana Paulo Freire, foi feita uma programação para a comunidade escolar e o público externo para homenageá-lo. As atividades desenvolvidas foram gratificantes, a práxis foi relevante para todos envolvidos, principalmente estreitou a relação entre professores e alunos, tornou mais humanizada, construiu o sentido do aprendizado e criou conhecimentos.

No ano de 2015, na faculdade de Licenciatura de Artes Visuais, na matéria de Filosofia da Educação, foi lido o livro *a Pedagogia do Oprimido*, pois é um livro de referência para educadores, cientistas, administradores, ou seja, é uma leitura para diversas áreas, onde faz uma leitura da educação, questões de injustiça, sofrimento, as diversas condições de submissão dos oprimidos.

O livro traz uma visão da perspectiva do opressor e oprimido e a relação entre professor e aluno, onde os indivíduos devem se tornarem emancipados com pensamento crítico, libertário. A liberdade que é fornecida ao indivíduo, para que possa superar a todos os obstáculos da vida. Melhorando a suas relações humanas e de aprendizado, assim devemos lê a realidade do mundo, compreendê-la e transformá-la.

No ano de 2017 conclui a faculdade de Licenciatura de Artes Visuais e no ano subsequente iniciei na educação básica, onde leciono em uma escola situada na periferia. Foi percebido que os alunos não faziam parte da educação e sim era uma educação bancária. Portanto, nas aulas de arte não iria continuar com esse modo de lecionar, porque são nessas aulas que o aluno tem a oportunidade de ser criativo, liberto, senso crítico, ou seja, deixei o caderno e iniciei novos projetos relacionados a Arte. Assim, foi utilizado a Proposta Triangular (conhecer a história, fazer arte e saber apreciar uma obra) de Ana Mae Barbosa e principalmente elementos freirianos,

9. Licenciatura em Artes Visuais - Centro Universitário Ítalo-Brasileiro, Bacharel em Administração com ênfase em Marketing - Faculdade Taboão da Serra, professora de Artes. martins_christiane@yahoo.com.br.

inicialmente conhecer o território, para embasar a teoria, práxis e dar um sentido no aprendizado. Nas primeiras aulas, os alunos achavam “esquisito”, inclusive alguns perguntavam quando iríamos utilizar o caderno de desenho e indagava: “Vocês realmente querem utilizar o caderno de desenho ou gostaria de continuar com o projeto?” e sem titubear respondiam: “Queremos continuar com o projeto, onde é *mais gostoso de aprender*”. Portanto, ao ter um sentido na relação de aprendizagem, a boniteza do professor, o opressor e oprimido deixam de existir. Todo esse aprendizado torna os indivíduos criativos, libertários, compreenderam o mundo em que vivem e saberão superar todos os obstáculos da vida, transformando em oportunidades.

Portanto, a *Pedagogia do Oprimido* é um livro que foi e é revolucionário, além de ser contemporâneo. Paulo Freire acaba sendo mais atual do que nunca, principalmente de acordo com o momento atual que o Brasil está passando. Uma educação de transformação para a vida, onde o Brasil poderá mudar esse cenário, por ser a base de uma Nação emancipadora.

7 PEDAGOGIA QUE LIBERTA MEDIANTE A DO-DISCÊNCIA

Cleiton Purcari¹⁰

O início na prática docente certamente é marcante para todo professor. Os desafios encontrados em sala de aula são dessemelhantes do que imaginamos. O professor iniciante, prepotentemente, adota princípios da educação bancária fundamentada no depósito de informações. Neste contexto, a realidade do aluno é tratada como algo estático, compartimentado e distante de sua experiência existencial, levando o educador e educando a caminharem para o desimaginativo e inconsciência crítica.

Estando na docência a dois anos, desde então, ocorreu-me uma necessidade de fazer um trabalho com significado, assim, além da base necessária do conteúdo venho adotando práticas que contribuam ao ato de educar. Nesse caminho, tive contato com os trabalhos de Paulo Freire, em especial a *Pedagogia do Oprimido*, direcionando-me a reflexões que as concepções desta obra devem assumir uma perspectiva dialógica e dialética com, e não exclusivamente para, o oprimido ou um grupo propriamente, promovendo assim a do-discência, conceituada na reciprocidade inseparável entre educador e educando, tendo ciência que promovendo um ciclo gnosiológico, que permeia-se entre o conhecer já existente e o novo, é fundamental para a auto-reflexão individual e coletiva.

A necessidade de uma prática dialógica, em oposição à educação bancária, que contribua para a libertação de opressão e transformação em sujeito social cognoscente, não pode acontecer isoladamente. O docente em comunhão com o aluno, na busca do aprendizado, deve alicerçar-se no diálogo afim de verificar conteúdos que podem ser aproveitados pelos discentes no seu cotidiano, estruturando uma atuação que permita ações reflexivas e críticas dos educandos, sobre os conhecimentos que já possuem. Relato aqui que com a inserção do diálogo e a busca de conhecer melhor o mundo do aluno, a dimensão de temas em sala de aula aumentou consideravelmente, ao qual nos deparamos com um mar de conhecimento em suas diferentes dimensões.

Notável pela sua importância mundial em diversas áreas, os conceitos freirianos presentes na *Pedagogia do Oprimido*, durante o processo de libertação, nos revela uma relação teórico-prática inovadora da práxis educacional. Mediante a problematização da realidade do educando, uso de temáticas geradoras, contextualizadas, realistas e diversificadas

10. Licenciado em Química, especialista em ensino de Ciências pela UTFPR (Universidade Tecnológica Federal do Paraná), professor no Colégio Politécnico Bento Quirino - IBT (Instituto Brasileiro de Treinamento).
cleiton_purcari@yahoo.com.br

do currículo e do mundo, fundada na criatividade, no diálogo, reflexão e conscientização, possibilita uma educação com papel libertador na busca da humanização.

Reconhecer-se como parte da obra de Freire é ter em si a possibilidade de se reinventar, principalmente no início da vida como docente, adotando a disciplina como aliada. Desta forma em sua dimensão libertadora, a principal obra de Freire se torna atualíssima e nos permite sonhos utópicos na educação, como um sentimento vivo, amoroso e esperançoso.

8

NA TRILHA DA BUSCA PELA HUMANIZAÇÃO

Cristiane Ferreira Português¹¹

Em face às metodologias contraproducentes ao desenvolvimento da inter-relação no campo do ensino, onde na trajetória do tempo elas ocultaram uma evidente opressão de um sujeito sobre o outro, Paulo Freire, preocupado com a maneira depositária de conhecimentos e o futuro do ensino, faz uma análise espectral da convivência educacional que por muito tempo se utilizou de arcaicos sistemas oprimentes de dominação do sujeito. Partindo dessa matriz ideológica, em seu ponto de vista, Freire busca criar uma espiral ascendente de caminhos que consigam aproximar o aluno do professor dentro das salas de aula e nas sociedades seja ela ou não de baixa renda pelo viés político educacional. Criando anti-diálogos e reflexões no sentido de perceber o mundo e por meio da problematização, contribuir para a ampliação de conhecimentos, na tentativa de alcançar independência sem cair no engodo de um indivíduo transformar-se no outro ao atingir o patamar cognitivo necessário.

Ao estatuir e usar a frase “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”¹², Freire aponta para uma direção que há que se pensar com razoabilidade para que o oprimido não incorra em reconhecer o opressor e, tender a pegar uma esguelha de revolta e insurgências, perdendo o caráter equânime que tem a proposta da liberdade em ser. A *Pedagogia do Oprimido* é um saber que vai na trilha da busca pela humanização e libertação de todo àquele que inconscientemente ou não está refém de um sistema de imposição. Freire pensa em saberes que se darão através de uma mudança de olhar e a inserção de práticas inovadoras das quais se podem extrair novos conceitos em trabalhos coletivos, que visam quebrar paradigmas e posturas enrijecidas onde um saber sempre soube mais que o outro.

Desde a tenra infância, o ser transpsicobiossocial em seu estado precário e artesanal de convívio é inacabado e cheio de incertezas em suas estruturas de aprendizado, o constante diálogo com o outro e com uma grande diversidade de saberes é fundamental, seja com o mundo escolar ou fora dele. Na práxis do olhar freiriano, menosprezar a experiência do aprendente no repasse cognitivo é o mesmo que extinguir sua presença da vida. Quando o educador reconhece a realidade do aluno em seu território, maiores serão as chances do conhecimento compartilhado vir a ser uma verdadeira ferramenta de transformação. Esse reconhecimento é via de mão

11. Graduada em Letras – UFMT, Pós-Graduada em Língua Portuguesa – UFMT, Professora de Língua Portuguesa do Estado de Mato Grosso, Rondonópolis.
cris_portugues@hotmail.com.

12. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p 29.

dupla para sistematicamente discutir, reconversar e repactuar as questões magnas e abrir portais de novas percepções.

Estamos versando sobre uma educação e ensino de modo generalizado que foi pensado nos séculos anteriores. Hoje, outros países que estão à frente do nosso modo de educar já trabalham suas metodologias de ensino ligadas a computadores, tabletes e celulares, quadros virtuais favorecendo a boa interação em sala de aula. O mote central da *Pedagogia do Oprimido* é forjar pessoas com pensamentos próprios sem dirigismos, criar redes coesivas, úteros de transformações e colaborar com os sedentos de saber a produzirem suas próprias ideias e a deixarem de possuir identidade com as experiências opressoras que lhes foram instiladas, abrindo picadas num caminho que leva ao encontro de sua libertária autonomia na existência.

9

CORPO CONSCIENTE E OS CÍRCULOS DE ENVOLVIMENTO (CIBER)CULTURAL

Daniel Glaydson Ribeiro¹³

Os grandes pensadores cruzam fronteiras espaçotemporais. Ultrapassam a fronteira da nação rumo ao universal; ultrapassam a fronteira da pura teoria rumo à práxis integradora; e ultrapassam, por conseguinte, a fronteira do contemporâneo rumo ao devir. Em um estágio de tamanha fusão entre tecnologias e virtualidades como este em que vivemos, em que o ser humano começa a dialogar (ou meramente a teclar) com robôs, sem perceber que se expressa para máquinas, hospedando em si o opressor como um chip implantado em seu corpo, a *Pedagogia do Oprimido* se abre para urgentes leituras em sua progressão pulsante e libertadora. Não por acaso, a obra freiriana é hoje uma das mais combatidas pelas forças ultraconservadoras e fascistas, estas que manipulam a “*big data*” para fazer com que, ao conversar com robôs, tornemo-nos robôs e votemos como autômatos, na experiência cada vez mais tensa da democracia, programados inclusive para odiar e oprimir o outro que não aceite robotizar-se, automatizar-se.

O menino conectivo Paulo Freire foi pioneiro no uso das tecnologias a favor da educação emancipadora, projetando slides em Angicos e afirmando que não devemos demonizar as tecnologias, tanto menos idolatrá-las: a relação deve ser mediada por nosso **corpo consciente**. Conceito de alta densidade na obra freiriana, retornando em pelo menos quinze outros livros, o corpo consciente nasce na *Pedagogia do Oprimido*, no momento em que o autor critica a educação bancária por estabelecer uma falsa dicotomia entre homens e mundo. A consciência não é uma seção dentro do ser humano, como quer a educação bancária, mas algo que nos configura integralmente na relação com o mundo. Se não há consciência sem mundo, nem mundo sem consciência, como afirma Freire em diálogo com Sartre, podemos aventar que não haja verdadeiramente corpo sem consciência, nem consciência sem corpo engajado. Daí a busca de robotização do oprimido pelas forças opressoras: o esvaziamento do seu corpo enquanto presença e voz ativa, seja pelo uso passivo das vestes tecnológicas, seja pelo assalto estruturado de sua consciência através da deseducação mascarada em educação.

Se alcançamos ser corpos conscientes, que caminham com o mundo, somos já método, sempre metade chão, metade voo: ser mais. Temos incentivado, neste esperar, a criatividade, a criticidade e a curiosidade a partir de um desdobramento ou reinvenção dos Círculos de

13. Daniel Glaydson Ribeiro, doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, professor do Instituto de Estudos e Pesquisas do Vale do Acaraú, no Ceará, possui poemas, artigos e traduções publicados no Brasil, México, Argentina e Cuba.
danielglaydson@gmail.com

Cultura a que chamamos de **Círculos de Envolvimento (Ciber)Cultural**. Problematicando a absolutização contemporânea do consumo de inovação, propomos a apropriação das hipermídias em sala de aula (e para além dela: *vida-aula*), na busca de acoplamentos criativos e políticos entre o ciberespaço-tempo e as culturas locais: o pluralismo contra o tecnopólio da informação. Como nos posicionamos em nosso envolvimento cotidiano com a cibercultura? Ativa ou passivamente? Estamos fadados ao desenvolvimento como cultura opressora? Entre tantas urgências, necessário se faz conscientizarmo-nos do poder da memória digital do mundo, tornando-nos sujeitos históricos de sua construção e disseminação, e não apenas consumidores passivos de *petabytes* de dados. A voz deste criador esperançado vibra do contato entre seu corpo consciente e a experiência do outro, na relação de amorosidade necessária à leitura do mundo, mas também com a indignação que impulsiona o atuar ético e estético capaz de repensar, transformar e **intercriar o mundo**.

10. ENTRE FREIRE E FANON: UM DIÁLOGO TRANSATLÂNTICO SOBRE A OPRESSÃO

Diego da Costa Vitorino¹⁴

Paulo Freire (1921-1997), na obra *A Pedagogia do Oprimido*, evidencia o princípio da incompletude do ser humano. O autor afirma que a humanização e a desumanização são possibilidades para os homens, já que esses são seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão, apesar de o processo humanizador ser considerado por ele a vocação maior dos homens.

O que afastaria os homens dessa vocação de se humanizarem? Para Freire, a desumanização do homem é uma realidade histórica, que advém com as injustiças, a exploração, a violência e a opressão. Já a humanização é um processo que ocorre quando há liberdade, justiça, possibilidades de resistência e de luta dos oprimidos.

Para o autor, a desumanização é uma realidade tanto para aqueles que tiveram sua humanidade roubada, como para aqueles que roubam a humanidade alheia. Se a humanização é o processo no qual o homem procura *ser mais*, a desumanização é a distorção dessa vocação que decorre da história, mas não é uma vocação histórica, ou seja, não é um destino dado, mas o resultado de uma dinâmica injusta que gera a violência dos opressores e, esta, a desumanização dos homens oprimidos.

A luta contra as injustiças é, para Freire, um ato de amor dos oprimidos, dos esfarrapados do mundo, dos 'condenados da terra' e daqueles que com esses se solidarizam realmente. Ao lutarem pela restauração de sua humanidade, os oprimidos se opõem ao desamor contido na violência dos opressores. Como poderão os oprimidos, que hospedam o opressor, participar de uma pedagogia de sua própria libertação?

Se Paulo Freire coloca a dialética entre humanização e desumanização para explicar a opressão e identificar o oprimido, Frantz Fanon (1925-1961), na obra *Os condenados da terra*, revela algumas das táticas utilizadas pelos colonizadores para desumanizar os colonizados, fazendo com que esses oprimidos criem uma visão deturpada de seus próprios costumes. A ideologia serve para a dominação dos colonizados de modo que seus comportamentos passam a ser contrapostos ao comportamento do opressor, sendo assim julgados como instintos, heresias ou depravação.

Ao criticar o imperialismo, Fanon procura explicar as consequências psíquicas da colonização e como a linguagem é usada para construir as identidades imperialistas (a do colonizador e a do colonizado) com o objetivo de moldar psicologicamente os povos que estão submetidos à

14. Bacharel em Ciências Sociais e Doutor em Educação Escolar UNESP.
divitorino@yahoo.com.br

colonização, uma vez que o objetivo é fazer o colonizado interiorizar a ideologia do colonizador. Assim, a consciência tanto da desumanização praticada pelo opressor, quanto da nossa incompletude enquanto seres humanos, é passo importante para a luta contra a dominação e opressão. Tal incompletude impõe aos atores sociais uma postura de eternos aprendizes, ou seja, de sujeitos que aprendem ao fazer e com seus próprios aprendizes, o que foi chamado por Paulo Freire de do-discência.

Portanto, é a partir do reconhecimento do opressor que existe no oprimido, que esse deixará de ser um condenado em seu próprio território e enxergará em sua cultura os saberes fundamentais para a contestação da dominação imposta. Certamente é contra esse aprisionamento do oprimido em seu território que advoga a pedagogia freiriana quando propõe que na perspectiva dialógica se deva partir da experiência do educando, de sua cultura e dos conhecimentos presentes na vida comunitária no momento em que se inicia o processo ensino-aprendizagem.

A leitura comparada de *A Pedagogia do Oprimido* e a obra *Os Condenados da terra* pode contribuir para um diálogo transatlântico sobre a opressão.

11

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO, UM DIVISOR DE ÁGUAS NA MINHA VIDA

Edinir Pedrozo Campos¹⁵

Paulo Freire, um educador pensador (sim, o educador veio primeiro) que não pensa ideias, pensa existência com liberdade de pensamentos. Sua *Pedagogia do Oprimido* pensa na Educação como Libertadora no sentido de, como método de alfabetização, permitir ao homem escrever sua própria história. A conscientização não é apenas conhecimento ou reconhecimento, mas opção, decisão, compromisso. Alfabetizar é Conscientizar. Palavras Geradoras, as que tem sentido para o alfabetizando, dão origem a outras palavras permitindo assim um aprendizado constante e permanente. O homem se faz homem, aprende a dizer a sua palavra e a ouvir a palavra do outro, passa a produzir e transmitir a sua cultura, torná-la visível, audível, perceptível.

Abrem-se os horizontes, a consciência se faz reflexiva, crítica. Mas as consciências são comunicáveis, dialéticas, o que faz com que o homem esteja em constante aprendizado. A consciência do mundo permite o diálogo, a socialização, a humanização. E a sede de aprender mais e mais que se iniciou na alfabetização não tem limites, não tem barreiras.

A relação dialógica, o ouvir e o fazer-se ouvir é a essência da Educação em *Pedagogia do Oprimido*. Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo (Paulo Freire).

Tive meu primeiro contato com Paulo Freire, no primeiro ano da universidade no curso de pedagogia, através de uma tutora apaixonada por educação e sem dúvida alguma por Paulo Freire. Ela não nos falou sobre ele especificamente, mas ao citar por diversas vezes algumas frases de Paulo Freire, me instigou bastante em conhecê-lo. Um ano depois, na busca por aprender, iniciei o curso “A Escola dos Meus Sonhos” no Instituto Paulo Freire, o que ampliou minha consciência crítica e reflexiva, fui finalmente me alfabetizando.

Pedagogia do Oprimido me faz ver a importância dos olhares voltados ao novo, ao reconhecimento dos próprios saberes, ao aprendizado constante, à nossa incompletude, à nossa capacidade de ensinar aprendendo e aprender ensinando. Sem dúvida alguma, um divisor de águas na minha vida.

15. Graduada em Turismo, graduanda em Pedagogia, Observadora Comportamental.
edinirpedrozo@gmail.com

12.

PEDAGOGIA DA PALAVRA

Edite Marques de Moura¹⁶

Em sentido lato, o termo Pedagogia, pode ser utilizado para referir-se aos saberes constituintes do âmbito educacional, uma das instâncias de atuação humana. Em sentido estrito, remete à “arregimentação” e à organização dos aspectos a serem considerados no processo de construção do conhecimento, tanto para os responsáveis pelo processo de ensino, como para os que a esses confiam o processo de aprendizagem. Tal organização estaria assentada em dois pilares: que saberes privilegiar e como tais saberes poderão ser colocados a serviço dos processos de ensino e de aprendizagem.

Toda pedagogia é norteada por uma filosofia, uma maneira de conceber algo. Filosofia consiste na reflexão acerca das concepções dos seres humanos, de seu posicionamento, de sua ação no mundo. Nessa perspectiva, no livro *Pedagogia do Oprimido* tomam consistência os pressupostos teórico-metodológicos para a Educação, sobre os quais Freire fundou sua proposta para a alfabetização e sua continuidade: uma pedagogia construída pelo próprio oprimido, que deve tomar a palavra para se contrapor à opressão. O objetivo era restaurar a intersubjetividade, cuja ausência se manifestava no silenciamento: não dizer sua própria palavra, não pronunciar o mundo. Dizer a palavra implicaria conhecer a realidade e dela participar criticamente, inserindo-se; agindo, desvelando-a. O cenário no qual foi concebida a pedagogia do oprimido é descrito por Freire como um tempo que convocava os sujeitos a responderem às suas exigências, a se situarem. Os oprimidos teriam essa tarefa histórica e humanista.

Freire reposicionou a palavra, cujo uso no processo de aprendizagem, até então, pautava-se na sobreposição de aspectos sonoros aos pragmáticos. Para ele, entre a palavra e o mundo, cujo centro de valores é o ser humano, estava a *palavramundo*, o signo verbal, forjado na interação das consciências, acontecimento chamado de diálogo, que se constitui pelas viva(s) voz(es) humana(s) abordada(s) através da síncrese e da anácrise, procedimentos fundamentais do diálogo socrático.

A anácrise é a técnica de provocar a palavra pela própria palavra. A síncrese consiste em confrontar distintos pontos de vista sobre um determinado objeto. Uma importante técnica de confrontação de palavras/opiniões referentes ao objeto no diálogo nos moldes socráticos.

16. Doutora em Linguística pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora Colaboradora no Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco – CESVASF. Técnica Pedagógica de Língua Portuguesa na Secretaria Municipal de Educação de Recife – PE. Autora do livro *Leitura em Bakhtin e Freire: palavras e mundos*, Ed. Pedro e João, e cuja segunda edição está em andamento. mouredit2011@hotmail.com.

Em seus encontros com os trabalhadores, Paulo Freire tanto utilizava a Anácrise – a provocação da palavra pela palavra mesma: a interpelação com a qual pretendia uma re-visão dos sujeitos acerca de concepções defendidas; quanto a Síncrise, que consistia em confrontar distintos pontos de vista. Provocados, indagados, os trabalhadores expunham os seus modos de compreender a realidade.

A Síncrise viabiliza as diferentes formas de pensar; é, por exemplo, o embate entre um antigo modo de ver a vida e o novo, como em alguns momentos dos diálogos entre Freire e os camponeses. Também de Sócrates, Freire refere-se à máxima *Conhece-te a ti mesmo* como princípio para a possível resposta às indagações dos sujeitos e de seu lugar no mundo, urgência naquele momento.

Conhecer a si mesmo, e isso se daria também por meio da palavra, poderia desencadear um movimento em direção às mudanças no mundo pela *palavra-ação*, que permite a instauração do resgate da intersubjetividade, essencial para a humanização. Eis o contraponto entre a educação bancária e a educação problematizadora: a consciência como centro de valorização do mundo e o papel da palavra na construção dessa valorização, percurso no qual a intersubjetividade se sobrepõe à alteridade e à subjetividade. A palavra é, então, o combustível da consciência; não a palavra vazia, mas a *palavramundo*, que confere à consciência o *status* de força motriz das relações entre os sujeitos, entre eles e a realidade. Uma pedagogia em que a palavra é pronunciada para mudar o mundo, não para confirmá-lo.

13.

A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E UM NOVO SONHO DE LIBERDADE 50 ANOS DEPOIS

Elaine Cristina Estevam¹⁷

O livro *Pedagogia do Oprimido* foi escrito em 1968, inspirado pelo ambiente histórico-político do Nordeste brasileiro das décadas de 1950 e 1960 no contexto da Ditadura Militar, contém ideias socialistas democráticas, críticas de Paulo Freire à ordem vigente, as quais, pelo caráter subversivo, o levaram ao exílio em 1968.

Ao revisitar a história para compreensão do tempo presente, vemos que o livro *Pedagogia do Oprimido* se apresenta mais atual do que nunca, pois, muito do que moveu o autor à sua escrita, está se repetindo neste momento: ameaças à democracia pela investida implacável da elite dominadora e a ascensão do projeto neoliberal contra as massas populares, irrompendo do poder sobre nós, “os esfarrapados do mundo”.

Sabemos que há muito o sistema capitalista avança em busca da manutenção das suas relações de poder, especialmente nos momentos de crise. No Brasil, desde a década de 1970 a crise do capital se apresenta, e avança drasticamente, chegando, após ter percorrido diversos países, em um movimento de “onda” neofascista. Em 2016 houve um Golpe e a derrocada da, então, presidenta de esquerda. Assumiu representante de Estado ilegítimo, que, nos dois últimos anos preparou o território para a ascensão da extrema-direita, a qual, hoje, apoiada pelo movimento neofascista, vem capturando as pessoas numa estratégia de manipulação de massas e representa uma ameaça àquilo que já havíamos conquistado com tantas lutas, sobretudo em democracia e direitos humanos essenciais.

Apoiarmo-nos em leituras de Paulo Freire representa refrigério e auxilia nas reflexões necessárias para o momento. Na perspectiva da democracia, há uma reflexão importante a compartilhar sobre o fato de que democracia e violência são incoerentes e que ela não se faz investindo contra as pessoas, nem mesmo as que preferem não ser democráticas. Ideias que fortalecem e orientam o pensamento e a ação, resgatando princípios e valores que para além da pedagogia, neste momento, orientam a vida.

Vale destacar outro aspecto da obra de Freire que na verdade é sua principal crítica dirigida à opressão social. Ele alerta sobre o quanto temos sido prisioneiros de um sistema econômico opressor e dominador, salientando que, embora utópico, sonhar é possível e que podemos ter aspirações de liberdade. Tê-los para realizar, através de palavras e atos, do diálogo capaz de construir realidades, realizar a transformação da sociedade.

17. Bacharelado em Psicologia e Formação de Psicóloga, Psicóloga Social.
elainestevam7@gmail.com

Sobre o diálogo, Freire o aponta como ação privilegiada, capaz de unir o que o opressor tenta separar, como possibilidade no desvelamento da realidade; aponta a veracidade dos fatos e pode promover a confiança mútua e no sentido da revolução. Assim, a obra nos leva a ampliar uma compreensão sobre a opressão, seus meios de conquista e domínio, sobre a relação de submissão e poder que ela implica, sobre a influência sobre o nosso pensamento e razão e com tal leitura podemos reconhecer a riqueza do legado deixado por Freire, obra que permanecerá atual, enquanto houver um único ser humano oprimido na nossa sociedade.

Portanto, são 50 anos do livro que preserva os ideais pedagógicos Freirianos nesta jornada que trilhamos pela educação. De acordo com Freire, ora educando, ora ensinando, mas sem jamais perder a capacidade de se encantar, de fascinar e se deixar fascinar, seguindo maravilhados com as bonitezas do mundo e das gentes. O livro guarda em si, ideias de um grande homem, e primam por uma educação libertadora, alicerçada na amorosidade e em valores essenciais à existência humana. Representa ainda hoje, a principal arma contra as ameaças de toda forma de opressão.

14.

O DIA A DIA DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Elisângela Maria Oyan¹⁸

O desejo de ser professor deve ter como base a vontade de mudar a realidade, de fazer sonhar, de ver que o dia a dia pode ser diferente, porque esse desejo pode promover, em cada indivíduo, a transformação de si mesmo e do mundo.

Mas como ser um agente transformador da realidade quando o próprio professor encontra-se sem reconhecimento, desgastado, sem voz e sem sonho?

No decorrer dos anos, os governos promoveram a construção de prédios escolares, melhoraram a alimentação, o transporte, realizaram cursos de capacitação para os professores, investiram em recursos materiais para as salas de aula, mas o sonho... O sonho cada professor deve resgatar, lutando contra a opressão e contra aqueles que o querem calar.

Nesse sentido, o estudo da obra de Paulo Freire *Pedagogia do Oprimido* torna-se imprescindível, porque propõe uma metodologia crítica, questionadora da realidade, instigando o professor a refletir sobre sua prática, sobre os valores e as ideias que fundamentam sua metodologia em sala de aula.

Assim, a reflexão crítica deve permear as práticas em sala de aula, a gestão da escola e o relacionamento entre todos os que estão envolvidos no universo escolar: alunos, família, professores, funcionários, gestores e a comunidade do entorno da escola. É por meio do diálogo entre todos esses segmentos que as ações de transformação, de libertação, precisam ser pensadas e praticadas.

Historicamente, as escolas reproduziram os interesses das classes dominantes, separando os que aprendiam dos que não aprendiam. As escolas não assumiam a responsabilidade social de formar todos os cidadãos, mas somente aqueles que se interessavam e que tinham a atenção da família. Para um governo opressor, um povo sem informação, sem recursos, sem estudo, é um povo fácil de governar, de comandar.

Atualmente, há um grande número de pessoas com acesso a recursos tecnológicos que disseminam as informações de acordo com os valores das classes dominantes. Cabe à escola utilizar tais recursos também como uma ferramenta para a reflexão, para uma leitura crítica da realidade. Não há como promover a liberdade estando distante da realidade, pois o que se vê é que a garantia de obtenção de um recurso tecnológico bem como as condições de acesso mais rápido e fácil à informação, não asseguram a formação de cidadãos críticos, reflexivos e libertos.

18. Pedagoga, professora das Oficinas de Produção de Textos em Escola Integral.
eli28oyan@gmail.com

Portanto, é importante reconhecer que a *Pedagogia do Oprimido*, escrita há décadas, é tão atual, necessária e, reconhecidamente, verdadeira, porque propõe uma reflexão sobre a metodologia e as teorias pedagógicas que embasam a prática opressora, mobilizando a escola e os seus segmentos para a reformulação e a construção de uma educação para a autonomia, para a liberdade.

15

A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E A FORMAÇÃO PARA A AÇÃO SOCIAL EM SAÚDE

Elomar Castilho Barilli¹⁹

A saúde como construção histórica de conquista social do direito à vida, expresso na carta constitucional e operacionalizado no Sistema Único de Saúde (SUS), desencadeou, entre outros fatores, a necessidade de formação de um novo profissional capaz de enxergar-se como produtor de saúde, comprometido política e solidariamente com a redução das iniquidades. Mais do que capacitação técnica, uma FORMAÇÃO PARA A AÇÃO SOCIAL EM SAÚDE.

O modelo de sociedade para a qual este sujeito será formado norteia a reflexão sobre os elementos constitutivos desta formação, na busca por explicitar suas intencionalidades ante ao projeto pedagógico que lhe dará significado e, principalmente, sentido. Neste ponto a *Pedagogia do Oprimido* se insere como método educacional voltado à conscientização libertadora que rompe as formas de opressão para materializar a participação cidadã na saúde.

O elemento *formação* traz em si o humano, o ser protagônico que vence a contradição desumanizadora posta pela distorção histórica do opressor. [...] *pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como seres para si* (p.30). Assim, na *Pedagogia do Oprimido*, a concepção de educação sustenta a formação como processo que emancipa o sujeito que, dizendo a sua própria palavra, intervém autonomamente no mundo, transformando-o na medida em que transforma a si.

O elemento *ação* traz a disposição para agir na *desinércia* do mundo. Porém, Freire nos alerta, na *Pedagogia do Oprimido*, que ação significa transpor o imobilismo subjetivista que disfarça a opressão, dicotomizando objetividade e subjetividade na ação de perceber e analisar a realidade (pág.38-39). Na saúde, não cabe mais separar corpo de mente, razão de emoção. Este movimento também se relaciona a ação do professor que abandona um fazer estático-narrativo voltado à memorização mecânica própria da deposição bancária de informações, para assumir uma postura problematizadora, fazendo do diálogo o espaço de união e politização dos sujeitos: *Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo* (pág.63).

O elemento *social*, amplo e carregado de sentido na obra de Freire, também no campo da saúde vem se construindo historicamente como apropriação e direito humanos. Assim, mais

19. Pesquisadora Titular em Saúde Pública – Escola Nacional de Saúde Pública – Fundação Oswaldo Cruz. Especialista em Educação, Tecnologia e EAD; Coord. Curso Tec. Educacionais para o Ensino Saúde na Escola (CAPES-UAB/ENSP-Fiocruz)
barilli@ead.fiocruz.br; elobrill@gmail.com

do que ausência de doença, a *saúde* passou a ser compreendida em seu conceito ampliado como produção social na proteção da vida (LAUREL, 1982). Neste caminho, a P.O nos relembra a nossa natureza como seres autobiográficos, porém inconclusos e, por isso, em constante processo de transformação e desenvolvimento, evocando a expressão criativa que se dá [...] *não só no espaço, mas no tempo próprio do ser, do qual tenha consciência* (pág.188).

A *Pedagogia do Oprimido* nos ensina que a formação para ação social prioriza a diversidade das culturas e dos territórios, estes como *espaços do acontecer solidário* (SANTOS, 1997) dos sujeitos histórico-sociais. Isso se amplia quando estes construirão sua *práxis* no campo do cuidado à saúde, onde as relações de afeto e solidariedade contribuem para amenizar o sofrimento.

O SUS enquanto modelo organizativo da saúde tem servido como base para outras nações. Seus princípios finalísticos como o da universalização da saúde como direito de cidadania, da equidade do acesso aos serviços e a integralidade das pessoas como seres biológicos, sensíveis, sociais e políticos encontram sustentáculo na *Pedagogia do Oprimido* enquanto teoria e prática de liberdade.

Os motivos pelos quais a população ainda não vive ou sequer percebe os seus benefícios atrelam-se a manutenção das forças opressoras do modelo hegemônico colonizador de mentes e corações. O enfrentamento à alienação parte da politização consciente dos povos para que possam reivindicar seu direito à liberdade, tendo a relação entre a educação e a saúde caminho consciente para a existência da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE P. *Pedagogia do Oprimido*, 8ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

LAUREL AC. A Saúde-doença como processo social. *Revista Latinoamericana de Saud*, México, 1982, PP, 7 - 25

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método, Boletim Paulista de geografia, nº 54, 1977.

16.

PAULO FREIRE, PRESENTE!

Fabíola Andrade Pereira²⁰

15 de outubro de 2018. Um dia memorável. Dia do professor. A brisa que invade meu ambiente de trabalho me propicia um clima perfeito. À minha frente, o rio Tocantins. Daqui ouço o barulho das águas e o canto dos pássaros. Um cenário encantador, altamente convidativo para o exercício da escrita e da reflexão.

Para enfrentar a tarefa, ao meu redor, algumas de suas obras e uma xícara de café, afinal, o exercício da escrita sempre requer uma inspiração, algo que nos ajude a tecer. Pronto! As lembranças podem aflorar. Disse a mim mesma. Aprendi com Bosi (2009) que, lembrança puxa lembrança. “Se as lembranças às vezes afloram e emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição. Há no sujeito plena consciência de que se está realizando uma tarefa”²¹. Precisava fazer a minha, transpor por meio de minhas lembranças o meu olhar acerca dos 50 anos da *Pedagogia do Oprimido*, considerado um dos livros mais lidos do mundo.

Foi nesse momento que o silêncio tomou conta de mim. Parecia que não sabia coisa alguma, que nada tinha a dizer. As primeiras lembranças que vieram à tona foram aquelas marcadas pelo golpe de 2016. O Impeachment de Dilma Rousseff, a aprovação da PEC 241 (conhecida como PEC da morte) que institui um teto de gastos em todas as áreas, e tantas outras medidas que implicariam, dentre outras, questões na criação ilusória de um “mito”. Essa onda nefasta a que chamam de ‘bolsonarismo’ ajudou a revelar um mundo obscuro, feio e desumano, em que não é permitido ser, dizer e nem pertencer; e que vem, violentamente, tentando apagar um legado. Uma tentativa que busca através do ódio e da intolerância silenciar vozes, destruir sonhos e utopias.

Entrementes, diante da ameaça de instauração desse mundo, não há como fugir. A reflexão é necessária. Estou mais que convencida que a hora é agora e a faço também como forma de prestar minha homenagem. Afinal, Paulo Freire nos disse que ensinar exige compreensão de que a mudança é possível.

Creio que não será preciso dizer muito, o contexto que ora vivemos por si só já nos mostra a necessidade de defendermos seu legado (e aqui não se trata apenas de simpatia espontânea

20. Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal do Tocantins no Campus de Tocantinópolis.

fabagnes@uft.edu.br; barilli@ead.fiocruz.br; elobrll@gmail.com

21. BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de Velhos*. 3ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 39

para com o autor e sua obra). É preciso lutarmos, juntos, em favor dos “esfarrapados do mundo e aos que nele se descobrem [...]”²². É mais que urgente defender um mundo em que a generosidade, a solidariedade e a amorosidade sejam uma constante.

É a partir dessa visão que afirmo: *Pedagogia do Oprimido* chega aos seus 50 anos, cheia de vigor. Ela continua viva e atual. Por meio dela Paulo Freire segue ressoando em nossos ouvidos a sua voz e nessa escuta atenta aprendemos que é preciso continuar denunciando a opressão e anunciando a educação como a única forma de intervenção no mundo.

O olhar que aqui lanço vê nessas linhas a oportunidade de não só revisitar seus escritos. É também uma forma de redescobri-lo enquanto uma bandeira de luta e resistência. E, nessa luta, continuaremos anunciando a importância de sermos professores e professoras favoráveis à boniteza, à liberdade e à esperança. Esta última é que me anima apesar de tudo. Paulo Freire, Presente!

22. FREIRE Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 11ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

17

PAULO FREIRE: UM GUIA PARA NOVOS TEMPOS SOMBRIOS

Filipe Augusto Senff²³

A proposta do curso *A Escola dos Meus Sonhos* de redigir este texto me estimulou à primeira incursão pela *Pedagogia do Oprimido* e contato aprofundado com a obra de Paulo Freire, autor sobre quem eu até então tinha apenas vagas noções. Descobri que o livro que aqui comemoramos fornece o material que baseia o sonho de uma vida; uma filosofia que advoga por uma transformação do modo de educar com o objetivo de revolucionar um mundo marcado pela opressão.

No universo freiriano, somos convidados a dialogar com as condições objetivas da realidade em que vivemos. Seus conceitos estão em uma dinâmica de influência mútua entre os homens dentro da história. Não há conhecimento que se adquira sozinho no mundo. Não há educador que eduque sozinho *depositando* o conhecimento estático do passado no educando. E não há libertação verdadeira sem agência do próprio sujeito a ser liberto através do diálogo com o educador que com ele aprende e também ensina. Contrapõe-se assim ao que é avesso à comunicação verdadeira, seja no viés conservador ou no *supostamente* revolucionário, pois tudo que é comunicado unilateralmente não serve à verdadeira revolução. A revolução se dá no emancipar-se permanente através da ação dialógica, sem o que é possível retroceder culturalmente mesmo quando há intenções inicialmente emancipatórias.

Seria não só difícil como danosa à riqueza de *Pedagogia do Oprimido* a tentativa de resumir aqui todos os conceitos importantes que se concatenam nesse livro de imensa densidade teórica. Contudo, creio que nenhum dentre eles nos diz mais sobre a vida e obra, *simultaneamente*, de seu autor que a *práxis*. Consiste na ação que se pensa, visando ao permanente aprimoramento de si mesma. No dizer de Freire, é *ação-reflexão-ação*, distinta da ação irrefletida e da reflexão morta no papel. O homem vive a realidade e a observa; abstrai-se dela para refletir e conceituá-la e depois voltar à ação, sempre em contato verdadeiro com os outros homens e de modo permanente. Esse livro é, portanto, a realização do que seu conteúdo sugere, pois é a objetivação teórica da sua vivência como educador dentro de seu contexto, em conjunto com o permanente empenho na concretização do diálogo libertador, nas escolas e noutros espaços organizados da sociedade.

De lá para cá, Paulo Freire se consolidou como elemento fundamental na formação dos educadores do Brasil e de outros países, além de ajudar a criar uma grande cultura pedagógica em

23. Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Letras pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSSELVI), em Joinville, Santa Catarina. filipesenff@gmail.com.

prol da criticidade e de relações menos autoritárias em sala. No entanto, os tempos de abertura à educação libertadora parecem estar se fechando face a uma nova onda de conservadorismo cultural e político que se contrapõe à pedagogia crítica, em meio à qual Freire vem sendo mitificado e denunciado injustamente como suposto mentor de um movimento de doutrinação nas escolas.

Encontro-me, pois, com Paulo Freire, em tempos talvez tão sombrios e incertos como os vividos por ele, e seu testemunho se me apresenta como um memorial sobre o autoritarismo na sociedade que precisa ser revisitado por todos. Seu sonho político deve se tornar símbolo de resistência contra uma pedagogia de concepção apassivadora do conhecimento e da educação que ganha crescente apoio por meio de simplismos e mentiras. Resignificado no presente, Freire tem potencial para nortear uma reformatação do diálogo dos intelectuais com o povo. Diálogo crítico, porém compreensivo, que evite sectarismos elitistas apoiados em mitos como o de que o povo está alienado demais para ideias inovadoras.

18

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: MEIO SÉCULO DE/PELA RESISTÊNCIA

Flávia Alves Bonsanto²⁴

Fome, Miséria, Discriminação, Desigualdade Social e Eleições Gerais, algumas das situações-limite que evidenciam a polarização do país.

De um lado cidadãos(ãs), oprimidos(as), unem-se às minorias sociais na defesa de uma política que seja para todos, com respeito à diversidade, atenção aos mais pobres e à dignidade humana.

Do outro, a classe burguesa, como historicamente o fez, reafirma seu tradicionalismo mascarado com ideais messiânicos de “Salvação da Nação” e constitui um discurso ancorado na generalização da cultura e na triste elucidação de práticas de preconceito contra àqueles que são diferentes dos seus padrões, apontando as vulnerabilidades sociais do povo como entraves à ascensão do país.

Cumprе enfatizar, porém, que a causa das necessidades sociais nasce da injusta distribuição de renda, da danosa discriminação racial, social e de gênero feita pelos opressores, e que, portanto, não é povo que causa danos à sociedade, mas a sociedade com sua organização vertical, meritocrática e desigual, que dá riqueza e facilidades para poucos e pobreza e dificuldades para maior parte da população.

Ao fazer uma leitura crítica dessas perspectivas, como Mulher, Cidadã, Professora e Pesquisadora, vejo-me sufocada diante da realidade.

Na busca por um suspiro de paz, recorro ao livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire e ao abraçá-lo sinto o abraço de acolhimento e esperança.

Nesta obra atemporal, que em 2018 completa meio século de/pela resistência, Paulo Freire nos revela aspectos referentes às situações-limite do Brasil, alertando que a ação antidialógica do opressor busca a dominação e a imposição da sua visão econômica, social e cultural, o que ceifa a liberdade dos oprimidos.

Todavia, Paulo Freire nos esclarece, sobretudo, da possibilidade de transformação social a partir da superação da opressão. Um caminho iluminado é o da Educação, defendida por ele como uma especificidade humana.

24. Pedagoga e Especialista em Gestão Educacional. Já foi Professora de Orientação e Mobilidade para Pessoas com Deficiência Visual, entre outras funções. Atualmente faz Mestrado em Educação na Universidade Federal de Juiz de Fora, com pesquisa amparada pelos preceitos de Paulo Freire. flavinhabonsanto@gmail.com

Se o opressor divide a nação, a fim de garantir a manutenção do *status quo*, o povo, baseado na consciência revolucionária e na ação dialógica, pode organizar-se e educar-se em co-laboração com vistas à emancipação.

Para tanto, a abertura ao diálogo e a problematização das relações e ações sociais revelam ser fundamentos para/pela mudança, no sentido de adotar práticas investigativas que potencializem a conscientização e a práxis.

O educador não dogmatiza suas reflexões, trazendo manuais de como fazer ou prescrições. No entanto, nos reconhece como seres produtores da nossa própria história, manifesta sua esperança na humanidade, acredita no diálogo, defende a ascensão da ingenuidade à crítica e argumenta que o mundo mediatiza nossas aprendizagens.

Nutrida pelas perspectivas Freireanas e reconhecendo nossa inconclusão, tomo como necessárias a reflexividade da leitura de mundo, o rompimento com a concepção bancária e a busca por justiça e equidade social, para aquecer o coração, suavizar os caminhos e encher de força a vida.

Seguimos lutando e acreditando em uma Política Inclusiva e enquanto não podemos vivê-la plenamente, que ao menos permaneçamos com “nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar²⁵.”

25. Ao tecer suas considerações finais na obra “Pedagogia do Oprimido” Paulo Freire exalta sua fé na humanidade e no amor. Por este motivo, decidi intencionalmente terminar minhas reflexões com a mesma esperança.

19

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Francisca Rodrigues de O. Pini²⁶

O livro *Pedagogia do Oprimido* aponta para o mundo a necessidade da descolonização das mentes, via educação emancipadora e, por meio dela, desconstruir o projeto hegemônico de dominação, que tem na educação o centro de irradiação do poder. A centralidade dos oprimidos nessa obra, tão atual no século XXI, dá-se pelo fato da intensificação das contradições entre as classes sociais, cujo agravamento da situação de desigualdade social e econômica no mundo e a ampliação da violência, são equivalentes à barbárie.

Quando Paulo Freire reflete a relação opressor e oprimido, ele discute uma questão de classe social e aponta para a necessidade de apreendermos as indagações dos oprimidos, em uma sociedade globalizada, cujas as opressões são globalizadas e as riquezas são centralizadas.

As demandas do século XXI exigem a apreensão dos conteúdos, princípios e valores éticos comprometidos com o desenvolvimento humano e, alguns elementos, são essenciais para assegurar a memória histórica como forma de resistência de luta dos povos de uma nação.

Um elemento central da educação crítica é a educação em direitos humanos, tendo em vista que ela é estratégica para assegurar o conhecimento socialmente produzido pela humanidade, a memória das lutas sociais e a construção de atitudes e posturas que assegurem uma convivência de respeito e de reconhecimento da diversidade humana.

Por isso, Paulo Freire, mesmo não tendo desenvolvido textualmente reflexões sobre os direitos humanos, é uma referência em sua teoria do conhecimento para a concepção de Educação em Direitos Humanos, quando articula a realidade social, com a cultura dos(as) educandos(as), aborda os conteúdos de forma problematizadora, compreende a educação como ato político e uma forma de intervenção no mundo, e constrói novas relações sociais para a efetivação de espaços de socialização da política. Isso tudo, vinculado à luta por valores democráticos, que recusa o individualismo e constrói relações de respeito, de cooperação e de cidadania ativa, buscando a superação do modo de exploração e opressão.

O processo educativo político desencadeado no Brasil após a derrubada da ditadura civil e militar de 1964 tem buscado garantir uma ampla discussão do significado social dos acontecimentos do período da ditadura. Nesse processo, os oprimidos foram construindo reflexões nos diversos espaços da vida social e apresentando às instituições do Estado suas opressões, segregações e

26. Assistente social, mestre e doutora em políticas sociais e movimentos sociais pela PUC/SP. Diretora Pedagógica do Instituto Paulo Freire. Integra o CONDEPE/SP.
fran.pini@paulofreire.org

a desumanização da vida, vocalizando por representatividade nos espaços públicos e exigindo direitos que historicamente foram violados.

O conhecimento da *Pedagogia do Oprimido* tem promovido a análise, o registro, a sistematização e a interpretação dos fatos pelos sujeitos sociais – os esfarrapados do mundo – que continuam à margem dos direitos humanos e permanecem na trincheira de luta e resistência para afirmar às futuras gerações que a organização coletiva é o instrumento de luta social e de ampliação da democracia.

Referências

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. *Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da Educação, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PINI. Francisca Rodrigues de Oliveira; MORAES Célio Vanderlei. (Orgs.). *Educação, Participação Política e Direitos Humanos*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

20.

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: SABERES INDISPENSÁVEIS À PRÁTICA EDUCATIVA

Geová Queiroz da Silva²⁷

Em *Pedagogia do Oprimido*, encontramos ensinamentos deixados por Paulo Freire, os quais foram, são e serão indispensáveis à prática educativa. Mesmo com 50 (cinquenta) anos contados da data de sua publicação, sempre há uma reflexão, adoção dos saberes empregados e servindo de auxílio nas práticas cotidianas, sendo conhecida mundialmente, encantando aos leitores, seguidores e preservadores do legado Freire.

Paulo Freire, com sua humildade, simplicidade, companheirismo, detalhe esse essencial a ser adotado nas instituições de ensino para que se possa gerar novos saberes, através da restauração e ampliação dos saberes já existentes ou na construção efetiva de um saber novo porém solidificado. Antes de qualquer estratégia de desenvolvimento da prática de ensinar e de aprender, é necessário que haja reflexão ao entorno do opressor e do oprimido buscando de forma sábia efetuar a almejada libertação.

O ser humano é um ser inacabado, vivendo em constantes adaptações, buscando um aperfeiçoamento e informações para ampliar a gama de conhecimentos, os quais são infinitos, assim não há alguém com sabedoria suficiente ao ponto de não haver necessidades de buscar novas descobertas, solicitar e acatar suporte e sugestões ofertadas por outras pessoas, do mesmo modo como não há alguém incapaz de adquirir aprendizado, o que falta é um método adequado para atuar ao entorno do necessitado, possibilitando o desenvolvimento dos saberes individuais e coletivos.

Há casos em que o professor fica submisso a uma metodologia ultrapassada, que não instiga o aluno ao aprendizado. Diante disso, o mesmo segue atuando como oprimido e opressor ao mesmo tempo, ora oprimido de seus métodos repetitivos e respectivamente atuar como opressor do aluno, tendo em vista que se o professor não busca uma forma eficaz de atrair o aluno à participação ativa da aula, logo este não está sendo subsidiado a captar as informações transmitidas e respectivamente ampliar o nível de conhecimentos.

Para que a aprendizagem satisfatória venha a ocorrer com transformação de forma positiva na forma de ensinar, de aprender, de pensar, de agir, com resultados quantitativos e qualitativos é necessário a socialização, a interligação professor-aluno, com trocas de informações, de

27. Mestrando em Ciências da Educação pelo Instituto Superior de Educação do CECAP-ISCECAP, atuante como Técnico de Programas e Projetos da Secretaria Municipal de Educação e Professor de Língua Inglesa, em Venha-Ver/RN.
geovaqsilva@hotmail.com

vivências, de saberes. Enquanto o professor ficar preso ao pensamento de que o ele é o único detentor do saber, não se abrindo ao diálogo, ao caminho da ampliação e troca de conhecimentos, sem se preocupar como está o aprendizado do aluno, a opressão ocorrerá com frequência, ficando comprometidos a prática de liberdade, a socialização, o debate, a troca de informações, condicionando o processo educativo a métodos arcaicos.

Uma educação de qualidade pode romper as barreiras da opressão e trilhar caminhos de liberdade. Transformar a educação não é tarefa fácil, mas não é impossível, há sempre um caminho adequado a ser trilhado, cabe a cada professor e demais envolvidos no processo, encontrar, abraçar a causa e seguir firme na caminhada.

Desse modo, é essencial o foco dos detalhes frisados, buscando atuar de forma inteligente e consciente, hoje e sempre, para que venha a resposta positiva futuramente. A única possibilidade para que se possa adquirir ou construir um mundo melhor, adequado, digno em diversos aspectos, onde os cidadãos exerçam suas referidas funções com atuação efetiva como portas abertas para a liberdade e jamais como mecanismos de opressão é através da educação.

21

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: EDUCAÇÃO E LIBERDADE

Ivana Pinto Ramos²⁸

Essa frase de Paulo Freire, escolhida como título para nosso olhar sobre sua marcante obra, a “*Pedagogia do Oprimido*”, nasceu a partir de suas experiências em atividades educativas, quando ainda estava vivendo o exílio no Chile. Situação opressora que não o fez desanimar, pelo contrário, deu-lhe força e esperança para mostrar a necessidade de mudança, através da conscientização, da educação libertadora, capaz de transformar o pensamento ingênuo em pensamento crítico.

Freire defendia a “educação como prática de liberdade”, liberdade sempre tão almejada pelo ser humano, livrar-se das amarras da opressão, das correntes da alienação, do medo do desconhecimento. A *Pedagogia do Oprimido*, vem como um canto de liberdade, como expressou Castro Alves em seu Navio Negreiro, interessado pelos problemas sociais brasileiros, sobretudo com a questão da escravidão, o sofrimento dos negros que clamavam por liberdade, qual o condor no alto céu, com seu voo rasante, pode contemplar a beleza da vida, enxergar verdadeiramente o mundo. Como Nelson Mandela que lutou contra o *Apartheid*, na África do Sul; como Malala e seu sonho de igualdade, em defesa do direito à educação de meninas; Mahatma Gandhi, que lutou pacificamente pela independência da Índia, então colônia britânica, por meio de seu projeto de não violência. Muitos nomes de destaque que lutaram pela liberdade em suas várias formas, nas palavras de Freire: “transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens.” (FREIRE, 1987, p.20).

Paulo Freire e seu comprometimento com a libertação dos homens e mulheres, aprisionados em sua realidade opressora, para que possam, através da conscientização, buscar a liberdade. A consciência do mundo, problematizando-o, objetivando-o, para desta forma, compreendê-lo e alcançar a transformação. Isso se dá em conjunto, de forma dialógica, através do reconhecimento de si e do outro.

Pedagogia do Oprimido é um livro tão atual, tão necessário, diante do cenário opressor que vivemos, política, econômica e socialmente. Um mundo alienado pela tecnologia, pela globalização, pelo individualismo e pelo capital. Somente através da conscientização do indivíduo e sua condição de opressão, de suas causas, será possível refletir e lutar por libertação. A libertação que Freire compara ao parto, um parto doloroso, mas, o homem que nasce desse

28. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia, mestre em estudos Literários/Literatura Brasileira, pela Universidade Federal de Minas Gerais, doutoranda do Programa de Pós graduação em Educação, da Universidade Federal de Goiás.
ivanapramos@gmail.com

parto, é um homem novo, através da práxis libertadora, que se constitui como reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo, sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos.”(FREIRE, 1987, p.21).

A *Pedagogia do Oprimido* busca a restauração do homem, a busca por ser mais, porém não no isolamento, no individualismo, mas em comunhão e solidariedade, almejando a superação da falsa consciência de mundo. Essa superação em comunhão é possível, e a educação é o melhor caminho. Que a *Pedagogia do Oprimido* nos faça almejar o alto voo do condor.

22.

PARA ALÉM DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Janaina Abreu²⁹

Em 1968, quando Paulo Freire (1921-1997) escreveu no exílio chileno sua obra maior, *Pedagogia do Oprimido*, não poderia imaginar que 50 anos depois, este livro estaria traduzido para mais de 30 idiomas e entre os 100 livros mais pedidos em universidades de língua inglesa pelo mundo. Muito menos que ele próximo seria o terceiro pensador mais citado do mundo em universidades da área de humanas; o brasileiro com mais títulos de Doutor Honoris Causa da história e o Patrono da Educação Brasileira, desde 2012.

Com *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire revolucionou o sistema de ensino de adultos no mundo todo, criando um modelo pedagógico inovador ao apresentar uma proposta de educação crítico-libertadora, voltada para o contexto sociocultural. Sua obra maior, *Pedagogia do Oprimido*, estabeleceu uma proposta de educação revolucionária, firmada em concepções que estruturam uma teoria educacional libertadora, preocupada com o ser humano, e, sobretudo, com os oprimidos do mundo.

Embora, na atualidade, alguns ainda reduzam o pensamento de Paulo Freire somente a uma proposta de alfabetização de adultos, no final dos anos 1970, Paulo Freire já era reconhecido internacionalmente e estudado em diversas áreas do conhecimento.

O professor emérito da Universidade de Brasília, Venício A. de Lima, foi um dos primeiros a pesquisar a *Pedagogia do Oprimido* em busca de eventual contribuição ao campo da comunicação e da cultura³⁰, publicando o livro “Comunicação e Cultura: as ideias de Paulo Freire”, em 1981, pela Paz e Terra. Venício A. de Lima afirma que a contribuição de Paulo Freire para o campo da comunicação é fonte de inspiração e referência universal, e que seguramente, existem ainda na *Pedagogia do Oprimido* diversos aspectos que podem ser pesquisados, no sentido de constituir um paradigma teórico para a comunicação libertadora, assim como o que se pratica uma pedagogia libertadora freireana.

Em artigo de 2011, publicado no portal Carta Maior, intitulado *Comunicação e Cultura em Paulo Freire: 30 anos depois*, Venício A. de Lima conta a história do professor de física da Universidade de Brasília, Amílcar Rabelo de Queiroz, que, em 2010, ao visitar uma escola de educação fundamental, em um vilarejo pobre no sul da Índia, viveu experiência marcante.

29. Comunicadora Social (1996) e especialista em Marketing (2016) pelo Instituto Metodista de Ensino Superior. No Instituto Paulo Freire é coordenadora da Editora do Instituto Paulo Freire e do setor de Comunicação da instituição.

janaina.abreu@paulofreire.org

30. LIMA, Venício A. de. *Comunicação e Cultura: as ideias de Paulo Freire*. Brasília/São Paulo: Editora UnB/ Editora Fundação Perseu Abramo. 2015

Para facilitar sua apresentação e criar um clima amistoso, os colegas do Institute of Mathematical Sciences (IMSC), que com ele viajavam, informam aos professores da escola que Amílcar era brasileiro, da terra de Pelé. “Brasil? Pelé?”. Repetem várias vezes. De repente, um deles sorri e exclama: “ah, ah, Brasil, claro, terra de Freire, Paulo Freire!” E alcança na estante vários livros de um dos nossos maiores educadores, traduzido, estudado e reconhecido em todo o mundo.

O pensamento de Paulo Freire é estudado e discutido em todos os continentes. Existem Institutos e Cátedras Paulo Freire em vários países do mundo que realizam atividades de caráter internacional para o aprofundamento e divulgação do pensamento freireano. Milhares de obras produzidas em diversos países do mundo são marcadas por suas ideias em áreas do conhecimento que incluem, por exemplo, a pedagogia, a filosofia, a teologia, o serviço social, a medicina, a psicologia, a comunicação, as artes, o teatro, a sociologia, e a ciência política.

23

ONTEM E HOJE: UM GRITO FREIRIANO POR LIBERDADE

Jeanete Simone Fendeler Höelz³¹

Pensar sobre a existência e a Educação, como prática da liberdade, torna-se condição necessária para uma sociedade humana que enseja romper as amarras históricas da opressão, da injustiça, das desigualdades e da ignorância. É assim que a *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire há 50 anos exercita a resistência à dominação, incentivando a luta contínua por superação, compromisso e emancipação.

Outrora libertadora e humanista, a Pedagogia freiriana se revela atual em nossos tempos de contradições.

A desumanização se move planetariamente e essa distorção histórica revela-se na fome, na miséria e num modelo político e econômico no qual as privilegiadas elites dominadoras e manipuladoras decidem o futuro de todos. Oprimidos, persuadidos e coniventes ratificam o regime opressor por aspirar suposta liberdade econômica e social, não reconhecendo sua real dependência. Tornam-se, cada vez mais, massa de manobra dos opressores.

Renasce, mais viva do que nunca, a mensagem contida na Pedagogia do Oprimido. Um grito freiriano por liberdade, instigando-nos a uma constante reflexão crítica da realidade e à ação coletiva em prol da verdadeira independência.

E, em processo de superação das contradições, a Educação se insere como instrumento colaborativo, mediador, participativo, a serviço da libertação. Nessa perspectiva somos convidados – escola e educadores – ao posicionamento, desconstruindo o mito da neutralidade, comprometendo-nos com a práxis emancipatória.

A práxis educacional, na concepção freiriana, se propõe dessa forma, como fonte de rompimento das contradições dominadoras sociais. Sendo assim, os pressupostos da Educação, baseados na dialogicidade como prática da liberdade, problematizadora, distanciam-se de uma concepção bancária, controladora de pensamentos e de atitudes. A Educação passa a comprometer-se com a reflexão profunda dos homens, do mundo e sobre suas transformações. A Escola, então, pauta suas ações em busca dessa perspectiva do oprimido, conectando-se com o contexto, dialogando com as realidades, pensando sobre aprendizagens significativas e posicionando-se pela luta da Educação pública de qualidade.

Nesse sentido, é necessária a construção de um novo pensamento, que provoque as consciências

31. Pedagoga, Professora da Educação Básica – RJ e Técnica em Assuntos Educacionais – Campus UFRJ Macaé.
jeanete.fendeler@gmail.com

e que incentive as mudanças a partir das contradições. Um novo pensamento para uma nova humanidade, uma nova sociedade, uma nova educação,

Uma Educação que enfatize a participação cidadã, a ressignificação do ambiente e a transformação societária, isto, que promove uma releitura crítica do modelo de desenvolvimento do mundo, que promove o sonho, a utopia refletida na ação emancipatória da humanidade.

Em consonância com Freire, Morin³² nos propõe uma via para o futuro da humanidade cujo caminho é o poder de encontrar a conexão com a existência; e a ruptura do modelo fragmentado, disjuntivo, mecanicista da Educação. Propõe um novo pensamento educacional que favoreceria a capacidade da mente para pensar os problemas individuais e coletivos em sua complexidade.

É neste exercício constante de resistência que a *Pedagogia do Oprimido* se faz tão atual e nos mobiliza à Libertação. Somos instigados ao posicionamento em favor do oprimido, por uma sociedade mais justa, mais digna, mais democrática e por uma Educação que construa novas possibilidades educativas, a partir da desalienação e do comprometimento com uma orientação preocupada em promover a emancipação da humanidade.

32. MORIN, Edgar. *A Via para o futuro da Humanidade*. Bertrand Brasil, RJ 2013.
FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

24

PEDAGOGIA TRANSMEDIA DO OPRIMIDO: UM NOVO DESAFIO

João Gabriel Almeida³³

Nesses 50 anos desde a publicação de *Pedagogia do Oprimido*, vivemos uma mudança radical no modo de produção capitalista, com a migração da sua matriz de produção de valor para a apropriação rentista ao invés da exploração pura e simples de mais-valia. Hoje em dia, a disputa entre Monsanto e as sementes criolas são a metáfora do nosso tempo. De um lado, um monopólio que pouco produz, mas com poder político e econômico para se transformar na única maneira possível de conceber o mundo contra a multiplicidade de saberes, os conhecimentos locais e a tentativa de construir um novo mundo possível. Essa mesma contradição se pode sentir nas tentativas de privatização da saúde, educação e na disputa pelo conhecimento na era digital.

Paulo Freire não ensina um método, mas um princípio ético de que a tarefa do educador é antes de mais nada política e sua função de fundo é utilizar de sua posição de privilégio para criar condições dialéticas nas quais, em construção com o educando, ambos superem sua condição objetiva para a construção de outro mundo possível. Sua filosofia nos permitiu entender o caráter participativo intrínseco ao ato educacional e a percepção de que não existem conteúdos a priori, pois o conhecimento só é válido se socialmente situado.

Isso toma uma dimensão ainda mais fundamental com a internet. A Wikipedia e o Google criam uma condição material que comprova a inutilidade da educação bancária, pois as redes se tornaram um grande repositório de informação para ser acessado a qualquer momento. Hoje para o próprio capitalismo funcionar os sujeitos têm que ser dialógicos, pois a capacidade de situar a informação e transformá-la em conhecimento em redes é a base para a produção de valor na sociedade contemporânea. Por isso podemos entender porque uma versão “soft” de Paulo Freire, buscando resgatar a dialogicidade sem o compromisso revolucionário com os oprimidos, anda tão de moda nas escolas particulares e se alastra pelo assim chamado “primeiro mundo”.

Somamos a esse diálogo o trabalho de *Scolari*³⁴. Promovido pela União Europeia, através do financiamento Visión 2020, sua equipe levou 3 anos e permitiu ter um panorama da aprendizagem transmediática em 8 países, entre Europa e América Latina. Alfabetização Transmediática como ele se refere são conjuntos de saberes estéticos, éticos e de produção para viver e interagir com o mundo virtual. A conclusão central é que esses saberes hoje se mobilizam através da

33. Licenciado em Letras Português pela UFSC e mestrando em Humanidades Digitais na Universidade de Los Andes. Atualmente é membro do Centro de Pensamiento Paz y Buen Vivir na Colômbia.

jgabrielrta Almeida@gmail.com

34. A investigação pode ser acessada completa em <https://transmedialiteracy.org/>

educação informal, em comunidades e que o ponto mais débil é exatamente a ética por detrás dos usos da virtualidade. Ou seja, através dos interesses específicos de cada jovem com acesso à internet, eles conseguem aprender um conjunto de técnicas, mas sem fundamento do que fazer com isso. A tarefa então é pensar como construir com essa juventude um paradigma que enfrente esses monopólios e permita uma construção significativa de uma Pedagogia Transmedia do Oprimido, pois se a “filosofia Monsanto” se consolida, os oprimidos do mundo, em particular de nossas regiões periféricas, estarão condenados a ter sua existência negada, emudecidos pela ausência de relações com a era digital e se apresentando como refugio dos trabalhos manuais que vão sobrar da mecanização cada dia mais crescente. Pensar o acesso à tecnologia e ressignificar o compromisso ético-político freiriano com os oprimidos, para que eles controlem suas telas e seus códigos. A isso devemos apontar.

25

A MINHA DESCOBERTA COMO HOSPEDEIRO DO OPRESSOR

José de Ribamar M. R. Neto³⁵

Em novembro de 2016, tive o meu primeiro contato com as reflexões de Paulo Freire, confesso que fiquei encantado pela profundidade das questões tratadas nos primeiros encontros do recém-criado Grupo de Estudos Interdisciplinares da Amazônia - GEIFA, da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR, localizado no município de Guajará-Mirim/RO, onde estou cursando o 8º período do curso de Letras.

No decorrer do curso, o meu interesse em conhecer um pouco mais sobre a obra freiriana só aumentou, pois os assuntos que envolvem o despertar da capacidade crítica e reflexiva sempre me causavam inquietações. Em um determinado encontro, foi falado sobre a pedagogia libertadora e eu fiquei pensando qual seria o objetivo desse modelo de pedagogia, foi quando conheci obra *Pedagogia do Oprimido* e, de imediato, percebi que a leitura desta obra é primordial para quem deseja seguir a carreira de professor e contribuir com humanização da sociedade.

Para compreender melhor a referida obra, é necessário saber que para Freire a sociedade é desigual, e essa desigualdade é marcada pela relação entre o opressor e o oprimido. A figura do opressor é a representação da sociedade capitalista, desigual, que se impõe sobre oprimido em busca do seu interesse de se perpetuar no poder, ação essa, que faz Freire caracterizar o opressor como um ser desumanizado.

Do outro lado da relação, temos a figura do oprimido, que deve, em primeiro lugar, se reconhecer na situação de oprimido, para então iniciar o processo de mudança. Ou seja, o oprimido deve buscar a sua transformação social e, ao buscá-la, desarticula o processo de desumanização, tornando, assim, a sociedade mais humanizada. Para Freire, o oprimido não deve jamais oprimir e sim trabalhar para a restauração do opressor, o que contribuirá para uma sociedade igualitária.

Para Freire, quem viveu a opressão poderá compreender, de forma mais fácil, os efeitos de uma sociedade opressora e a necessidade de lutar pela libertação, que só será possível a partir de uma práxis libertadora. Nessa perspectiva, Freire concebe a luta pela libertação como um ato de amor, pois quando o indivíduo se reconhece como oprimido e se liberta ele poderá lutar pela humanização do opressor.

35. Acadêmico do 8º período de Letras e membro dos Grupos de Pesquisa: Filologia e Modernidades e Grupo de Estudos Interdisciplinares da Amazônia-GEIFA da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Câmpus de Guajará-Mirim, principal publicação: Cachueta Esperanza, O Império da “Goma”: História, Cultura e Identidades (Anais do JALLA 2018).
netoletras2015@gmail.com

Outra reflexão pertinente, proposta por Freire, na obra *Pedagogia do Oprimido*, é que somente após o desvelamento do mundo da opressão é que os oprimidos podem comprometer-se, na práxis, com a transformação pessoal e social. Nesse processo, a *Pedagogia do Oprimido* passa a ser a Pedagogia dos homens e o principal fundamento desta pedagogia é a libertação.

26. LIÇÕES REVOLUCIONÁRIAS DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Josiane Nazaré Peçanha de Souza³⁶

Ler a *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire hoje é ainda atual e imprescindível pelo momento histórico que estamos vivendo: lições revolucionárias urgentes. Num contexto em que nos vemos impactados por um fascismo à brasileira, pautado no ódio às diversidades étnico-raciais, de gênero e sexualidade e às camadas populares. Observamos o crescimento de um anti-diálogo, respaldado por fanatismos religiosos e preconceitos encrustados numa colonialidade que persiste. Paulo Freire nos ensina como o diálogo é ferramenta libertadora. Potencializadora da libertação das várias opressões que atingem aqueles que se alienam de sua realidade imediata e que não possuem ainda, a consciência histórica e crítica necessária para compreendê-la. Nossa ação pode ser libertadora se imbuída de amor, compromisso e engajamento na libertação dos oprimidos, numa co-intencionalidade sob a realidade, juntamente com as massas operárias, que se pretende libertar!

Nos ensina Paulo, que educadores e educandos, ambos atores históricos na escola, numa relação horizontal, dialética e dialógica, ao analisarem a realidade, são capazes de desvendá-la, compreendê-la criticamente, para o nascimento de novas consciências, através de suas ações/reflexões transformadoras. No espaço educativo juntos, se libertarem mutuamente do impacto da Educação Bancária em suas mentes e corpos. Esta Educação que insiste em dizer que o educando nada sabe, e que negar o professor/educador como aquele, que ao desenvolver suas práxis com o educando, também aprende, que a luta pela libertação, educa a todos.

Paulo Freire nos mostra a importância da tessitura de uma nova consciência e ação em comunhão, tanto consigo mesmo, como com os outros, num esforço permanente de construção de uma Educação problematizadora, pois dialógica. Visto que, ninguém se muda sozinho ou muda o outro, mas juntos, debruçados criticamente sobre essa realidade, a compreendem e (se) modificam.

O diálogo nasce a partir do amor: às pessoas, ao mundo, mostra como o amor é revolucionário. O amor como ato de coragem, político, como ato de humildade: um amor de verdade, intenso, engajado, humanista. Para a construção de uma nova educação libertadora, dialógica, que motive uma outra forma de aprendizado, outras metodologias de leitura, de compreensão, que nasça da relação do homem com o mundo no qual faz parte e lê.

A Pedagogia de Paulo Freire nos leva a enxergar a significância de uma liderança revolucionária,

36. Mestranda em História pela UERJ, Pedagoga e Professora na Educação Básica. Membro da ABPN e do GPMC-UFRJ.
josspecan@gmail.com

que motive e propicie, juntamente com o coletivo, a libertação de todos, seu compromisso maior, através do diálogo como ação para a liberdade. O revolucionário como aquele que sempre estabelece uma relação de conquista, de respeito, de aceitação por identificação com a sua palavra, sem autoritarismos e violências. O revolucionário como aquele que propicie uma Revolução cultural permanente, em que a Ciência e Tecnologia estejam a serviço da humanização, nunca ao contrário.

Ensina ainda, que liderança revolucionária motiva essa revolução com os oprimidos, lado a lado, para que se libertem e reconstruam em comunhão, a sociedade. Vemos através de sua obra, um caminho revolucionário para o que vivemos, uma esperança para juntos, imediatizados pela realidade, mas através de uma crítica mobilizadora e ação dialógica permanente, defender a democracia que ainda engatinha em nosso país. O diálogo como ferramenta amorosa primordial para a defesa da democracia, numa ação libertadora de todas as formas de opressões: racismo, machismo, lgbttfobia e preconceitos de classe.

27

O DIÁLOGO E A INTERSUBJETIVIDADE EM PAULO FREIRE

Julia Hélio Lino Clasen³⁷

Em tempos onde o termo democracia se faz presente em todos os discursos políticos, quer partidários ou em projetos educacionais, é necessário compreender que para a mesma se concretizar é imprescindível reconhecer a necessidade do diálogo, onde se escuta, reflete e faz uma devolutiva, respeitando a visão de mundo do outro.

Em um espaço sem a percepção do outro como alguém que não pertence ao mesmo grupo, dificilmente existirá diálogo. Essa situação gera uma relação vertical, há um poder de quem detém os arranjos sociais sobre aqueles que deverão cumpri-los, sem ao menos entender, assim constitui-se uma relação de opressores e oprimidos.

Freire em 1970, reuniu o seu pensar sobre a opressão. Os indícios, as práticas, as questões subliminares do opressor e do oprimido. A *Pedagogia do Oprimido* traz em seu corpo teórico a possibilidade de compreender que somente por meio da percepção dos sujeitos em seus contextos, fazendo uma leitura para além das aparências, é imaginável uma situação de liberdade.

Para conhecer o presente, há que se voltar ao passado. Vimos de uma história de colonização, portanto cultura, linguagem, crenças são parte deste enredo. Neste cenário, quer em nível macro, ou em cada instituição, o diálogo, em geral, não se faz presente. Existem reuniões, conversas, planejamento. Porém, um diálogo, de fato, não existe, porque para que isso ocorra é necessário a empatia e ter a humildade de duvidar das próprias verdades, das próprias certezas.

A escola, como instituição, acaba difundindo, por vezes, a visão de mundo das ideologias dominantes. Assim, o currículo, as metodologias culminam para esta situação, mesmo o processo das primeiras letras. O estar alfabetizado, a leitura das letras e palavras são fundamentais, haja vista vivermos em um mundo letrado. Porém, a leitura do mundo transcende o decodificar de palavras.

O sujeito iletrado sente-se refém daqueles que conseguem situar-se nos variados tipos de textos. O oprimido não pode esperar que o opressor tome consciência de que os homens pertençam a mesma natureza e mantenham um diálogo, compreendido aqui com simetria, não de forma vertical. Para conseguir libertar-se, desvendar, compreender a sua realidade, deixar a situação

37. Doutoranda em Psicologia Social, Pedagoga. Capítulos de livros: *Interlocução entre pais e escola no século XXI*; *Conhecimento teórico e prática docente: condições necessárias à formação pedagógica*; *Anais: II Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação*.
julia.lino.clasen@gmail.com

de oprimido, esse necessita se perceber como ser que se constitui na cultura e constrói história, independentemente de seu desejo. Pois não existe situação neutra.

Diante do exposto, um projeto pedagógico para romper com o olhar, o pensar autoritário necessita refletir sobre a própria prática. Analisar todos os elementos que compõem um sistema, revisar seus objetivos, questionando sobre a formação dos estudantes. A serviço de quem está a escola? Para tanto, primeiro perceber-se em sua condição autoritária, “bancária”, estudando de forma reflexiva seu papel social, conseguindo manter um diálogo interno entre pares e externo com a sociedade.

Nesse contexto, é necessário promover espaços de estudo das políticas públicas de educação, analisando seus posicionamentos diante da sociedade e perceber se está disseminando, fortalecendo esse fosso entre dominados e dominadores.

É necessário que os profissionais da educação se percebam como seres pensantes, essa condição demanda análise da sociedade, da cultura em que está imerso e conhecimento científico dos conteúdos trabalhados, compreendendo que exerce influência sobre os demais sujeitos, mediatizando as várias compreensões sobre o mundo.

28.

NÃO SE NASCE OPRIMIDA, TORNA-SE!

Juliana Ramos da Costa Henrique³⁸

Como falar da *Pedagogia do Oprimido*, sem falar da pedagogia da oprimida? Sim. Pois ao falarmos da relação desumana entre opressores, oprimidos e continuar invisibilizando a opressão e a exclusão vivida por mulheres é uma violência estrutural. Pois como diz Bourdieu³⁹ “A opressão como forma de ‘invisibilização’ traduz uma recusa à existência legítima, pública, isto é, conhecida e reconhecida, sobretudo pelo direito, e por uma estigmatização que só aparece de forma realmente declarada quando o movimento reivindica a visibilidade”

Há séculos que, majoritariamente, as mulheres internalizaram o “ser menos”, o ser considerada como cidadã de segunda categoria, portadora de uma inferioridade intelectual e social em relação ao homem, pois este já fora predestinado a ser o mais, o maior e o melhor... faz tudo, naturalmente, o que uma PUTA faz, e ainda é considerado o PEGADOR. Porém, aqui não queremos entrar em (des)méritos “pessoais” ou, melhor, individuais-coletivos, mas apresentar que é indispensável provocar uma conscientização intencional que seja libertária e libertadora, em outras palavras, que liberte a mente das correntes ideológicas androcêntricas e o corpo das correntes que limitam o privado e o público.

A conscientização intencional em grupo de mulheres provocará uma Prática da Liberdade que suspeite dos pensamentos que tentam nos definir enquanto mulher, que tentam nos inferiorizar enquanto ser humano, para que em seguida iniciemos um processo de desconstrução e reconstrução de identidades pessoais e coletivas, desintegrar a libertação pessoal e coletiva implica fragilizar o processo liberta-ador. Quem melhor que as oprimidas para entender uma sociedade opressora? Tais como as mulheres, as empobrecidas, as ricas, as negras, as lésbicas, as mulheres de programa? Logo, seu engajamento na luta pela dignidade humana implica em pensar, estruturar coletivamente, lutar para legitimar políticas públicas que atendam as exigências de cada grupo, e assim conquistem espaços de representação na sociedade.

Portanto, nossa preocupação é refletir sobre as maneiras que as mulheres entendem a opressão e como tal produção de sentido afeta nossa autopercepção, nossa compreensão de mundo e

38. Licenciada em Ciências das Religiões – UFPB. Pós Graduanda em Assessoria Bíblica – CEBI/EST. Atuo como docente.

juliana.rchenrique0803@gmail.com

39. BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Tradução de Maria Helena KÜhner. 5ªed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017. p. 166.

nossas visões de vida e do bem-estar.⁴⁰ Logo, a *Pedagogia do Oprimido* torna-se indispensável, pois assume o desmascaramento do opressor dentro de cada pessoa, corroborando para a conscientização das causas e interesses da opressão.

Sendo assim, a *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire é indispensável, pois abre caminhos metodológicos para visibilizarmos inúmeras categorias de análise que encontram-se timidamente dentro da OPRESSÃO que é fruto da relação entre pessoas oprimidas e pessoas opressoras, na sociedade. Cabe-nos ressaltar que a obra de Paulo Freire vem sendo reinventada em vários segmentos, um deles é no âmbito religioso: “A leitura da Vida precede a leitura da Bíblia”, através da Leitura Popular da Bíblia, metodologia utilizada pelo Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos-CEBI, que impulsiona-nos *a ver, a julgar, a agir e a DIZER a nossa palavra*. Logo a tomada de consciência e o agir transformador da realidade é PROFÉTICA pois **denuncia** a relação de dominantes e dominadas e **anuncia** a construção libertária e libertadora da humanidade.

Às mulheres oprimidas, excluídas, violentadas do mundo,

Que dão seu corpo como verdadeira comida e

seu sangue como verdadeira bebida...

Aos homens, às crianças, ao sistema social e eclesial.

Com elas sofrem, mas, sobretudo com **elas e eles lutam por:**

AUTOESTIMA, SOBREVIVÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO.

40. FIORENZA, Elisabeth. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 21

20. A LIÇÃO NÃO APRENDIDA, MAS REPREENSIVA: O QUE SEREMOS DE NÓS, OS OPRIMIDOS?

Jussara Galhardo Aguirres Guerra⁴¹

O livro *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, comemora cinquenta anos de sua primeira edição, publicada na década de 1960, e nos traz importantes reflexões em torno da contradição entre os atores que ele denomina de “opressor e oprimido”.

À luz do pensamento freiriano, podemos entender que, de fato, o sistema educacional brasileiro nunca adotou efetivamente métodos de ensino-aprendizagem que tivessem como base o conhecimento e a filosofia desse grande mestre, sobretudo no que diz respeito às relações dialógicas entre educador e educando e de como podem ser enriquecidos os currículos escolares e as formas de convivência indispensáveis para o fortalecimento e a criação de espaços de cidadania, de respeito e de valorização da diversidade. Esse fato resultou em uma dispendiosa lacuna, haja vista a relevância de seus conteúdos críticos e emancipadores, indispensáveis ao exercício de uma democracia fortalecida, os quais foram muito negligenciados.

Por consequência, tem se delineado um quadro muito dramático da qualidade do ensino nas redes públicas, sobretudo no que se refere à sua ação política de conscientização e ao seu poder de agregar conceitos emancipatórios aos educandos e aos próprios educadores. Como agravante, notamos que a política e a ideologia dominantes na atual conjuntura política, inspiradas no ódio, na perseguição e no terror, fervilham em sectarismos distintos, em que setores conservadores e aparelhamentos midiáticos têm densamente influenciado as massas, no sentido de garantir sua alienação e perversamente agravar as inúmeras carências dos setores sociais menos favorecidos.

Na conjuntura atual, os arranjos retrógrados do governo que se delineia e suas visões persecutórias de ataques às instituições sensíveis da sociedade, como a educação, a pesquisa, a ciência e tecnologia, o meio ambiente e a cultura, demonstram o quanto esses governantes poderão destruir e minuar ainda mais o *status quo* social de um país que conheceu por tão pouco tempo ensaios de democracia.

Personagens nefastos do passado retornam com ares fascistas e incentivam o processo de denúncias, de perseguição a professores, de desrespeito à cátedra e ao pensamento crítico, com a criação de “escolas sem partido”, de ensino exclusivamente a distância, de censuras ao ENEM, além de uma perseguição nefasta e invejosa contra o patrono da educação do Brasil, o mestre

41. Mestra em Antropologia pela UFPE, escritora e indigenista. Trabalha com indígenas no Rio Grande do Norte. Realiza seminários, palestras e cursos sobre a temática indígena. filhasol2015@gmail.com.

Paulo Freire. Como reforços, há indícios de que exércitos de jovens instruídos e imbuídos de um ódio irracional avançam para minar seus alvos: os centros acadêmicos e os diretórios estudantis. Seu intuito é o de destruir as bases de sustentação do pensamento crítico, criativo e científico nas academias. Fragilizadas e vulneráveis, as universidades públicas (e o ensino público em geral) poderão cair nas teias impudicas das privatizações, que dão lucros para alguns.

Em vista disso, precisamos pisar no chão da consciência, da coragem e da organização política para o embate e, mediante os erros, vislumbrarmos um futuro melhor. Mais do que nunca, faz-se necessário imprimirmos o amor e nos humanizarmos uns com os outros em busca do “ser mais”, posto que “somos inconclusos”. No entanto, pergunto: ainda há tempo? Ou precisaremos de mais meio século para entendermos e finalmente cumprirmos essa lição de casa?

Portanto, devemos ter muito bem sedimentada a reflexão do mestre Paulo Freire, que esclarece: “A opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte, e não à vida” (FREIRE, 1970, p. 37). Vamos reagir com amor à vida! “Ninguém solta a mão de ninguém”.

30 PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: REFLETINDO AS IDEIAS DE FREIRE

Lucia Alves de Aquino⁴²

Uma das obras mais discutidas no meio acadêmico, e no sistema de ensino da Educação Básica, do escritor Paulo Freire, é: *Pedagogia do Oprimido*. Sua obra faz uma análise reflexiva entre duas figuras sociais reais criadas pela sociedade, opressor e o oprimido. Ao longo do percurso produzido, Freire estabelece uma crítica sobre o modelo de educação, reproduzindo, discutindo e caracterizando situações sob a ótica do conformismo social. Ao analisar esse fenômeno, o escritor tece pontos e contrapontos que sintetizam a função social do opressor e do oprimido, onde se observa a marginalização da convivência social. Assim, o autor utiliza vários conceitos para explicar ao leitor o modelo social da sua época, levando em consideração o seu “eu” enquanto ser social humanizado que busca transformar realidades.

Tendo em vista a ênfase dada à humanização, para ele, o ser humano é um ser inacabado, ou seja, em constante crescimento e, em consequência desse fato, o crescimento se prolonga pela vida inteira de acordo com a realidade vivida. Assim, a liberdade do ser humano flui através do conhecimento de si mesmo como fator crucial para que essa liberdade aconteça, é preciso conhecer bem os seus direitos e deveres para que as pessoas não sejam opressoras, tão pouco oprimidas. Nesse pensar, Freire expõe de forma clara e explícita o mundo da opressão e do oprimido, mergulhando no “mundo” de cada um, dando significado aos oprimidos em busca da libertação da opressão, desde que se haja luta, sonho, vontade e ação, e sintetiza o seu pensamento ao interpretar que esse fenômeno não pode ser realizado de forma individual, isolada ou sem a participação do indivíduo próximo, mas através do engajamento coletivo.

Para os opressores, é como se tivessem o prazer em ser mais importante do que o outro, se sentem assim, e agem assim. Por isso há tanta luta pela humanização, democratização do ensino, pelo trabalho livre, pelo direito das classes minoritárias que tanto gritam por direitos de igualdade. Esse rompimento ou saída de um estado de alienação que condena e oprime indivíduos sob vários aspectos, seja de natureza social, política, econômica ou cultural. Com isso, os oprimidos têm a grande missão, além de libertar a eles mesmos, libertar também os opressores, pois se não houver oprimidos também não haverá opressores, oportunizando um ambiente de igualdade social reconstruído entre ambos. Evitando assim, a repressão e o aproveitamento em razão do poder que o opressor detém, seja ele de qualquer esfera representativa da sociedade.

42. Licenciatura em Ciências Exatas e Naturais (UERN), Especializada em Ensino da Matemática (UCAM), Mestranda em Ciências da Educação (INET); Professora E. M. E. F. Pedro Trajano Torres e na E. E. E. M. João Soares de Souza.

lucia.2008.aquino@hotmail.com

Freire recomenda um trabalho educativo que respeite o diálogo, a união inseparável entre ação e reflexão, ou seja, que garanta a prática da produção de sentido (conhecimento). O educando não chega à escola como “gavetas vazias” onde irá ser “depositado” o conhecimento, construindo assim a aprendizagem só a partir de quando ele começa a estudar e que para adquirir o conhecimento será basicamente através da “educação bancária”. Baseado numa comunicação de cima para baixo, onde o professor fala e o aluno escuta e armazena, ou ainda, ler e depois reproduzir o que já havia sido dito ou feito, totalmente contrária ao diálogo, onde há construção do saber, com metodologias a base de experiências construtivas.

Foi dessa forma que estudei durante toda a minha vida e estava utilizando esse modelo nas minhas aulas, sem refletir sobre como estava sendo conduzida a minha prática pedagógica. Hoje, a cada aula, reflito e faço minha autoavaliação, mesmo porque os alunos estão bem diferentes dos alunos que estudavam antes e isso requer atenção nas situações didáticas para a melhoria tanto do ensino e consequente aprendizagem

31.

POR UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Luiza de Almeida Oliveira⁴³

Paulo Freire em seu livro *Pedagogia do Oprimido* propõe uma educação mais humanizadora na qual o educando deve desenvolver o seu senso crítico sobre a realidade em que vive. A educação, para ele, é uma forma de libertar o indivíduo oprimido de seu opressor.

Contendo um caráter político, esta obra de Paulo Freire busca trazer a conscientização de educadores à medida que tenta dar à educação um caráter emancipatório como instrumento de libertação da consciência e da necessidade de atuação do homem na sua própria existência. O oprimido deve ter não somente consciência de sua condição de opressão mas também deve estar disposto a transformar a sua realidade, descobrindo-se como sujeito e construtor de sua história e da realidade que envolve o mundo que o cerca. Deve ser contra qualquer regime de dominação que visa a massificação, numa luta pela transformação, conquista e efetivação da sua liberdade alcançada pela práxis.

Há uma necessidade ontológica do oprimido em relação ao opressor. Somos seres inacabados, incompletos e como tais temos que sempre estar abertos ao novo, às transformações. E esta abertura se confirma na relação dialógica de inquietação e curiosidade constantes que nos movem a pesquisar. Esta curiosidade ingênua voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, acaba se tornando crítica. O homem só será sujeito de sua história no momento em que ele se humaniza, luta por sua liberdade, pela desalienação e por sua afirmação. Somente quando o oprimido descobre o opressor e se compromete na luta por sua libertação é que ele começa a crer em si mesmo. Esta dialogicidade é importante para uma educação libertadora, que transforma o homem em sujeito de sua própria aprendizagem.

Esta educação problematizadora, emancipatória, sugere um homem que seja um ser consciente, contrário à educação bancária, que sugere um homem vazio. Não somos depósitos de informações na qual o opressor busca constantemente tornar-se dominador do saber, fazendo com que o oprimido seja incapaz de emancipar-se. Em uma sociedade em que tudo é estruturado por uma classe economicamente dominante, a escola tem um papel opressor fazendo com que os oprimidos sejam “depósitos” vazios para que possam ser preenchidos por conteúdos separados de sua realidade.

43. Formada em Letras (Português-Inglês) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ, Mestre em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), professora das Redes Estadual e Municipal do Rio de Janeiro atuando em língua inglesa.
teacherluiza.oliveira@gmail.com

Ensinar não é transferir conhecimento nem controlar o pensar e o agir do indivíduo, mas criar possibilidades para sua construção. Ó existe saber na busca impaciente e permanente que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Só existe educação quando se busca a dialogicidade, cujo diálogo se fundamenta em um profundo amor ao mundo e não tendo este amor não haverá diálogo, dando oportunidade do educando se expressar livremente.

32.

ESPERANÇAR NA *PEDAGOGIA DO OPRIMIDO*

Marcela Fraga Gonçalves Campos⁴⁴

Em tempos de crise civilizatória, em que nos deparamos com a desesperança de alguns, atitudes desumanizadas respaldadas por falas preconceituosas e invisibilizantes de outros, se faz mais que necessário aprofundar nossas reflexões tomando como base os pensamentos expressos por Paulo Freire em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, obra de tamanha relevância não só para a educação brasileira, mas também referência para o mundo.

A generosidade de Paulo Freire em ter compartilhado seus saberes, experiências e práticas vem contribuindo para a formação de muitos educadores, potencializando não só suas práticas educativas, mas também seu desenvolvimento profissional e pessoal. Isso é inegável, é história da qual participaram e participam múltiplos sujeitos, num percurso de construção e fortalecimento da educação popular.

Dentre os diversos aspectos apresentados e discutidos pelo autor nessa obra, que são essenciais para o desenvolvimento humano, temos o diálogo. Aquele que nos move, nos impulsiona, que oportuniza nos colocarmos em movimento de estar com o outro, ouvir suas palavras e também de dizer nossas palavras, e assim nos colocar no mundo, num exercício de práxis educativa que se faz na reflexão-ação sobre o mundo para transformá-lo.

Apesar de estarmos vivendo este momento de expectativa acerca do que nos reserva o futuro, em que é inevitável nos sentirmos angustiados, e considerando as difíceis e, por vezes, precárias situações de trabalho e desvalorização profissional que acometem grande parte dos educadores brasileiros, a obra de Paulo Freire vem nos fortalecer e nos fazer entender que é necessário e imprescindível termos esperança e buscarmos possibilidades de escapar dessas opressões que nos cerceiam. E isso não é uma visão romântica, tão pouco puro sentimentalismo. Pelo contrário, trata-se de um desafio de acreditar na nossa potência enquanto educadores e da importância em realizarmos nosso papel com intencionalidade e posicionamento político, e assim contribuir para a aprendizagem dos educandos, a partir de uma educação emancipadora.

Portanto, é acreditando enquanto sujeitos que somos, de forma individual e coletiva, seja exercendo o papel de educador ou educando, em permanente processo de aprendizagem e nos educando por meio do diálogo, que podemos agir com criticidade em busca da criação de outros modos de transformar o que está posto, problematizando e analisando a realidade em

44. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades do Instituto Federal do Espírito Santo – IFES, Pedagoga no município de Serra - ES.
marcelafrag@gmail.com

que vivemos, tomando consciência da opressão e formas de silenciamento aos quais somos submetidos, prática que levemos por onde passarmos, de modo a contribuir com a educação de nosso país.

Desse modo, que a partir de pensamentos contidos no livro *Pedagogia do Oprimido*, nos deixemos tomar pelo desejo de não desistir, de permanecer com a nossa aposta e luta por uma educação pública, gratuita e de qualidade, em que seja possível a construção de outro modo de vida mais justo, igualitário, solidário, com respeito às diversas culturas e saberes, e que nos permitamos sonhar e nunca desistir de esperar.

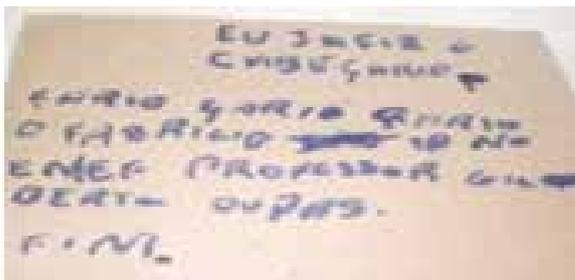
33

O MÉTODO FREIRE E SEU USO NA ALFABETIZAÇÃO INICIAL

Maria Gildacy Araújo Lôbo Gomes⁴⁵

Voltei para educação em 2015 como professora de Escola Pública após 12 anos em outro setor e me deparei com uma questão fundamental e inquietadora: a alfabetização inicial. Descobri que se alfabetizava da mesma forma, sem a preocupação com as especificidades dos alunos e do seu contexto familiar. Realizada no formato tradicional, valendo-se das apostilas, construídas a partir de imagens recortadas e transformadas em exercícios repetitivos, fazendo uso de sílabas retalhadas, soltas e palavras sem significado, contendo páginas para colorir e escrever começadas por ba, be, bi, encerrando em zo, zu. Produto do tecnicismo, da educação bancária, que transfere, transpõe, repassa o conhecimento, uma pedagogia chamada por Paulo Freire de conservadora, onde o aluno não é desafiado, não indaga, nem reflete, é condicionado. Diante desse cenário me motivei a escrever projetos incentivando à leitura e escrita que partissem da narrativa do próprio aluno e do seu ponto de vista. Era preciso refletir sobre a prática para melhorá-la.

O Projeto: “A Construção de Instrumentos com Material Reciclado: O Funk do segundo A”, tinha como público alvo uma turma com 35 alunos, em sua maioria, moradores da comunidade do “Boi Malhado”, Zona Norte em São Paulo, convivendo com um baile funk, sem motivação para aprender a ler e escrever. Durante a execução da oficina observamos os alunos fotografando, dirigindo, dançando, cantando, eles queriam mais que fabricar



instrumentos. Foi quando percebemos na fala de João Vitor, 7 anos, o uso intuitivo do método freiriano na escrita. Perguntado porque compôs “O funk do segundo ‘A’”, (figura 1)⁴⁶, disse: - Eu já sei fazer o cabeçalho, e o Fabrício não, se eu já sei escrever sozinho, porque preciso copiar da lousa todos os dias?

Figura 1: letra da funk

45. Professora de Ensino Fundamental I (2015) na Secretaria Estadual de Educação e de Educação Infantil (2016) na Secretaria Municipal de Educação, São Paulo -Licenciada em Pedagogia pela Universidade Paulista, UNIP (2015) e em CRM pela Anhembi Morumbi (2005).

gildacy@uol.com.br

46. Conteúdo do Cartaz com a letra do funk produzido por João Vitor, que até então era classificado como sem hipótese silábica nas sondagens anteriores: Eu já fiz o cabeçario, çario, çario, çario O Fabrício 1A no EMEF Professor Gilberto Dupas. Fim.

O relato em questão apresenta o despertar para o mundo da leitura e da escrita, de forma problematizadora, usando elementos da realidade do educando, em oposição a pedagogia bancária relatada. Nas rodas de conversa, dialogando com os alunos, na observação criteriosa durante a aplicação da oficina, sem interferir nos desfechos, percebe-se o quanto a *Pedagogia*

34.

CAMINHO PERCORRIDO: TEMPOS E ESPAÇO

Marilene de Fátima Pacheco do Santos⁴⁷

Este é um breve relato de uma caminhada feita em companhia de Paulo Freire, e o livro de cabeceira *Pedagogia do Oprimido*, acompanhado de outras leituras que influenciaram a minha caminhada e as práticas pedagógicas.

Minha caminhada teve início em 1980, através da minha graduação em educação artística, quando fiz as primeiras leituras freirianas, identificando-me, no ato, com a descoberta que existia no mundo *opressores e oprimidos*. Fui cativada pelas palavras: diálogo, construção, identidade, criticidade, autonomia e emancipação.

Tornei-me uma arte educadora e precisava continuar estudando, assim, fui fazer pedagogia. Como bolsista na universidade, trabalhando na periferia, com crianças e jovens no turno contrário da escola, conheci, de perto, *os oprimidos*, através da convivência com suas vivências.

A vida me surpreende e me leva para outra direção, surge a possibilidade, no ano de 1989, de me tornar estagiária em uma empresa de implementos agrícolas, pensei que seria outro espaço e outro desafio para atuar. Espaço diferente, porém, com a oportunidade de desenvolver um trabalho e apostar na educação transformadora. O projeto tinha a intenção de empoderar os trabalhadores, oferecendo formação, qualificação e aperfeiçoamento, proporcionando, assim, a autonomia e a emancipação deles, para que pudessem ocupar outros espaços dentro da empresa.

Senti a necessidade de buscar a pós-graduação em psicopedagogia institucional e clínica, para pensar outras formas de atuar na instituição, mais adiante, passo a atuar na clínica. Enquanto fazia a pós, surgiu uma oportunidade profissional para o meu esposo, em decorrência disso, veio a mudança para outra cidade. Pensei: “e agora?”. Mas, como a vida é feita de desafios, “vamos lá”.

Em 1997, saio da minha zona de conforto da época e passo a atuar na psicopedagogia clínica, pois começo a trabalhar em uma APAE e sou apresentada à deficiência intelectual e/ou múltiplas, tendo internalizada a base freiriana, a experiência em arte educação (que sempre permeou a minha atuação pedagógica e/ou psicopedagógica), facilitou o meu processo de inserção nessa, que oferece educação escolar e clínica. Nesse espaço de tempo, outros sócios fundadores e eu criamos a Associação Mentes Coloridas, oferecendo atividades que possibilitam vivências e convivências através das expressões de artes em encontros de oficinas.

47. Mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social, Psicopedagoga APAE-NH. Psicopedagoga na Clínica Integrar, Sócio Fundadora e Arte Educadora na Associação Mentes Coloridas.
mari_fps@hotmail.com

Com todas as vivências e experiências, aparece, em 2014, o mestrado de Diversidade Cultural e Inclusão Social, mais um espaço para dialogar com as obras de Paulo Freire, investigando o Programa Mais Educação, na perspectiva dos educandos e dos seus responsáveis.

Outra experiência é fazer parte de uma cooperativa clínica, onde atuo como psicopedagoga, que oferece serviços através de parcerias com escolas municipais e estaduais e outros planos de saúde.

Assim, o livro *Pedagogia do Oprimido* fez e faz parte da minha caminhada. A obra é relevante na atualidade pela conectividade com quem aprende e com quem ensina a dizer a sua palavra, do respeito à individualidade, do reconhecimento do outro e sua subjetividade, dos saberes, da cultura. Portanto, não é uma pedagogia que exclui, mas sim inclui, existindo na prática o respeito profundo pelo outro e pela humanidade.

35 PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: UMA HISTÓRIA SEM FIM

Martinho Condini⁴⁸

A mais importante obra de Paulo Freire foi escrita no século passado, 50 anos atrás: *Pedagogia do Oprimido*. Era 1968, período marcado por levantes, revoluções e guerras pelo mundo. No Brasil, a morte do estudante Edson Luiz de Lima Souto e a Passeata dos 100 mil no Rio de Janeiro e a decretação do Ato Institucional nº5 (AI-5), foram alguns dos acontecimentos que fizeram a história daquele agitado e conturbado ano.

É nesse contexto histórico que Paulo Freire escreveu *Pedagogia do Oprimido*. E você pode indagar: onde estava Freire nesse ano de 1968? Muitos podem pensar em Recife – sua terra natal e pela qual nutria um intenso sentimento de apreço e carinho. Engana-se.

Nesse período, Freire estava em Santiago do Chile. Isso porque o golpe militar de 1964 no Brasil prendeu e posteriormente expulsou Freire do Brasil, que ficou no exílio por dezesseis anos. Essa medida truculenta do governo militar se deu pelo fato de Freire estar realizando um processo de alfabetização de adultos inovador no país desde o final dos anos 50.

Freire iniciou esse processo de alfabetização de adultos em Angicos, no Rio Grande do Norte, onde a alfabetização se deu a partir da realidade de vida dos camponeses, afim de que os mesmos não só aprendessem a ler e escrever, mas também se conscientizassem sobre a sua realidade histórica, e assim, compreendessem seu lugar no mundo para poder transformá-lo. Esse processo possibilitou a criação do Projeto Nacional de Alfabetização (PNA) que tinha o objetivo de alfabetizar milhares de camponeses. Essa preocupação de Freire com a alfabetização dos excluídos da nossa sociedade incomodava e gerava um grande descontentamento por parte das classes dominantes e governo militar.

Essa experiência com a alfabetização de adultos possibilitou Freire, a escrever no exílio, a obra *Pedagogia do Oprimido*. Obra essa, que inseriu o oprimido na centralidade da questão social e educacional brasileira. Freire mostrou nesse livro que o oprimido consegue pensar por si mesmo, que tem um lugar de fala e um entendimento sobre sua realidade histórica. E que é fundamental o oprimido ter a liberdade de construir sua palavra e expressar sua leitura de mundo para que ele possa transformar a sua realidade.

48. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, publicou pela Paulus Editora os livros “Fundamentos para uma Educação Libertadora: Dom Helder Camara e Paulo Freire”, “Helder Camara um nordestino cidadão do mundo” e “Dom Helder Camara um Modelo de Esperança”.
profcondini@gmail.com

Hoje, 50 anos depois, *Pedagogia do Oprimido* continua a ser um dos livros mais lidos nas universidades e nos cursos das humanidades em todo o mundo.

Considero que a *Pedagogia do Oprimido* seja uma “história sem fim” porque, como dizia Freire, somos seres inacabados e, por essa mesma razão, continuamos em busca de uma sociedade mais humana e fraterna. Uma sociedade onde as práticas humanistas da solidariedade, da alteridade e da equidade estejam acima da lógica sem lógica dos interesses econômicos neoliberais. Interesses estes que nos afrontam cotidianamente com suas alegações “meritocratas”, a fim de justificar práticas exploradoras e injustas que permeiam o mundo globalizado do século XXI. Estou convencido de que *Pedagogia do Oprimido* continuará sendo uma importante e significativa obra, não só para educadores e educandos, mas para todos os que acreditam nas práticas humanistas como principal instrumento de inclusão dos oprimidos na sociedade.

36. O FUTURO CIDADÃO REFLEXIVO NA PRÁXIS EDUCATIVA

Nair Alves dos Santos Silva⁴⁹

A educação do nosso país vem nos revelando vários critérios filosóficos e tecnológicos para os avanços nas práticas educacionais em sala de aula. Ao ler o livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, refleti sobre minha sala de aula, trago nesse texto uma experiência escolar diante a prática reflexiva e dialógica dos métodos de Paulo Freire, como já conheço um pouco as metodologias de Paulo Freire tento colocá-las em práticas, buscando meios teóricos ligados a nossa prática diária em sala de aula.

Há mais de vinte anos que sou professora da educação básica dos anos iniciais, atualmente nos deparamos com um sistema educacional que visa apenas à classificação do aluno, onde o sistema não está nem aí para o conhecimento prévio do aluno. Tenho vários alunos no processo de alfabetização e percebi que as crianças aprendem com mais facilidade se nós professores trabalharmos no cotidiano escolar a realidade que cerca no meio social e cultural.

Ser professor mediador é saber ouvir e dialogar com o aluno nas diversas situações cotidianas, Freire nos mostra que devemos aprender a ensinar, com clareza e sabedoria que a educação precisa ser “libertadora”, alunos e professores, buscam e lutam juntos para os avanços do ensino aprendizagem. Buscando a libertação pela a práxis educativa e pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela.

A *Pedagogia do Oprimido* destaca as lutas dos homens para sua libertação, sendo argumentado o diálogo entre os indivíduos. As diversidades do ensino aprendizagem são claras em sala de aula, várias crianças necessitam de uma atenção maior para almejar com sabedoria o mundo letrado. Tenho como exemplo minha aluna Maria Eduarda que está no 3º ano do ensino fundamental.

A aluna tinha dificuldade na leitura e escrita de palavras nas produções textuais em sala de aula. Ao analisar o desempenho de Maria Eduarda percebi que ela não dominava as regras linguísticas com facilidade, comecei trabalhar atividades com palavras geradoras do convívio social e cultural da criança, segui os métodos de Freire, aprendi a dialogar com as dificuldades de Maria Eduarda, e no decorrer do ano letivo identifiquei os avanços da pequena Maria Eduarda na leitura individual e nas produções de diversos gêneros textuais.

49. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA. Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Escritor Osman da Costa Lins- FACOL, Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Gama Filho-UGF. Doutoranda em Ciências da Educação pela Atenas College University. bvnairalves@gmail.com

Hoje em minha carreira profissional defendo uma educação com práticas libertadoras e mediadoras para cada cidadão que luta com o povo e para o povo. Tenho como exemplo a *Pedagogia do Oprimido*, para oprimir precisa-se de uma teoria de ação opressora. Freire sempre será o alicerce da realidade das práticas educacionais diante do mundo moderno letrado.

37

LEIA, CONTE E SE ENCANTE EM UMA PERSPECTIVA FREIRIANA

Nívea Silvestre da Conceição Costa⁵⁰

Relato de prática educacional sobre projeto de leitura intitulado “Leia Conte e se Encante”, destaque estadual no Prêmio Professor do Brasil, em virtude da sua abordagem de cunho afetivo, transdisciplinar e humanístico. O projeto de leitura foi desenvolvido em 2017, no 2º ano do Fundamental I, da Escola Municipal da Engomadeira, bairro periférico de Salvador, BA, marcado por altos índices de violência. Objetivou-se a ampliação de consciências dos educandos, em atenção à aquisição subjetiva de seus direitos humanos, e visou-se a uma prática cidadã, fundamentada no livro paradigmático, *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire.

Os alunos conviviam num ambiente não letrado, e se destacavam, na escola, pela expressão de insubordinação; sua frequência era irregular, registrando-se distanciamento familiar e extrema vulnerabilidade social, como ausência de compromisso com a escola, com os estudos e respectivo não reconhecimento dos seus direitos como cidadãos. Havia rivalidade entre os grupos familiares de origem; fato que gerava constantes brigas na vizinhança, e que eclodiam na sala de aula. Pais e responsáveis, quando solicitados, apresentavam comportamento semelhante ou até pior, e, assim, a escola tornava-se um espaço de extensão das desavenças entre vizinhos. Percebi as condições do oprimido e a situação que os desumanizava e desumaniza.

As dificuldades para o ensino e aprendizagem foram confrontadas, assim que percebi a urgência em fazê-los compreender a possibilidade de desconstrução das relações e práticas sociais injustas, alterando-se o olhar, e suscitando práticas pedagógicas voltadas para a restauração das condições humanas. Mostrei-lhes outro mundo, além daquela vivência do seu cotidiano, e empreendi dinâmicas de sensibilização, bem como estruturei programas de leitura, audição de música e práticas de brincadeiras, permeadas pela afetividade, que lhes possibilitaram a realização de experiências gratificantes, com base e inspiração nas propostas do método de Paulo Freire.

O projeto foi amplamente voltado para os temas cidadania e direitos humanos e suas práticas libertadoras; a saber: ensinar a falar, escutar e respeitar a opinião do outro. Esses conteúdos e exercícios ocorreram por intermédio da música, da dinâmica de grupos, das brincadeiras, e,

50. Pedagoga pela Universidade Católica de Salvador, UCSAL, Especialista em Psicopedagoga - Universidade Contemporânea, Professora da Rede Pública Municipal de Ensino, nas Séries Iniciais e Educação de Jovens e Adultos. Especialista em Alfabetização e Letramento no Centro de Estudos Avançados em Pós-Graduação e Pesquisa, CESAP (2016). Cursando a Especialização em Educação, Gênero e Direitos Humanos pela Universidade Federal da Bahia, UFBA.
nsilvestre013@gmail.com

principalmente, mediante leitura, seguidos de diálogo, sobre o comportamento dos personagens e imediata comparação com a realidade apresentada pela classe. No entanto, atribuo à possibilidade de se tornar um pequeno escritor o rompimento com o sentimento de inferioridade e a relativa restauração da autoestima da turma de educandos. O processo de interação entre os alunos ocorreu à medida que relatos com expressões de sentimentos, desejos e necessidades aconteciam. Percebi o acolhimento simultâneo de um para com o outro, dando-se aproximação e afetividade. Laços e vínculos foram se solidificando. Saímos da condição de não letrados para a escrita do livro que nomeia o projeto “Leia, Conte e se Encante”. Foi verificado que o homem não se faz no silêncio, nem sendo silenciado, mas no trabalho, no diálogo, na ação e posterior reflexão sobre as vivências experimentadas.

Priorizei a utilização das histórias infantis, em virtude do seu fomento ao mundo da imaginação, por serem próximas da realidade dos alunos e por permitir-lhes a exploração de atitudes praticadas pelos personagens, trazendo-os para a nossa realidade. Também, e, principalmente, pela possibilidade de habilitar o aluno para que pudesse apontar temáticas para exploração, nas diversas áreas do conhecimento. As respostas da comunidade escolar foram superpositivas. Estamos no século XXI, ainda assim, constata-se que o livro *Pedagogia do Oprimido* encontra-se totalmente conectado com as necessidades emergentes, no campo da educação, sempre passível de reinvenção e contínuo modelo educacional.

38 O “GUARDIÃO DA UTOPIA” E O MEIO SÉCULO DE SUA INSPIRADORA E REVOLUCIONÁRIA OBRA

Noelia Rodrigues Pereira Rego⁵¹

Como descreveu o amigo, quando de sua morte, Milton Santos se refere a Paulo Freire de maneira não só poética, mas, e sobretudo, por sua capacidade de alinhar a boniteza da vida com a ação e a esperança em dias melhores. É por meio de uma outra forma de ser e estar no mundo e com o mundo que Freire nos convidava a escrever junto com ele um novo projeto de pedagogia e, ainda mais: um novo e outro projeto de sociedade. Falar de *Pedagogia do Oprimido*, portanto é atentar para o caráter revolucionário de seus escritos e para a atualidade de sua mirada, mesmo passados 50 anos. Da busca incansável de se fazer e se reinventar novos rumos e uma nova forma de tratar a educação.

É essa crença incessante no resgate da humanização nas relações sociais aquilo que embasa seus pensamentos e utopias e que tem a Educação Popular como um grande aporte para essas ações. É na humildade como ferramenta pedagógica, no diálogo, na horizontalidade das relações que o conhecimento deve ser, para tanto, construído. Tornar significativo este processo coletivo de construção e desvelamento de realidades é carregar de sentido essa prática, que se dá em espaços formais, não-formais e informais de educação. Dentro desse pensar, uma escola que se espera cidadã é aquela que está em consonância com a realidade do território em que está ancorada e das pessoas com as quais convive em seu cotidiano. Portanto, reinventar processos e currículos, harmonizando a escola com outros espaços de educação não mais ou menos importantes que ela, no entender de Freire, é essencial para a verdadeira libertação e emancipação de crianças, de mulheres e homens, porque transborda de sentidos o processo de construção do conhecimento. Neste quadro, “tomar a própria palavra”, como insiste Freire, é lutar contra as opressões diárias que existem no cotidiano da classe trabalhadora, no cotidiano de maiorias oprimidas, que tem classe, cor, gênero e sexualidade e localização geográfica bem demarcados.

Assim, significar nossa estada neste mundo é começar por descolonizar pensamentos e práticas opressoras naturalizadas e tidas como imutáveis. Deste modo, a Educação Popular em seu processo educativo pretende mostrar as múltiplas concepções e contradições contidas no mundo, de forma a desmistificar fenômenos até então apresentados como certos, únicos e naturais, que atrás de uma ‘cortina de fumaça’ têm suas perversas bases na exploração e nas desigualdades. É ainda legitimar os saberes populares e reverenciar a ancestralidade. Neste

51. Educadora Popular PUC-Rio, doutoranda em educação UNIRIO e membro CEPL – Coletivo de Educação Popular e Libertária.
noeliarpr@gmail.com

sentido, a pergunta é fundamental, assim como a utopia, quando esta outra forma de pedagogia se propõe a transformar o: “sempre foi assim...” para o: “*por que* sempre foi assim?”

Romper paradigmas é preciso. E a *Pedagogia do Oprimido* tem muito o que contribuir neste processo.

39.

AUTONOMIA E MUDANÇA: OS PAPEIS DA EDUCAÇÃO

Patrícia Vieira Santos⁵²

O legado deixado pelo autor Paulo Freire (1921-1997) para educação é imensurável. Simplesmente admirável e para o seu tempo algo transformador. Por que o pobre, o pedreiro e o pa-deiro, não poder ser engenheiro ou simplesmente doutor? Classes sociais menos favorecidas, mas não desnutridas do acesso ao saber. Direito constitucional, mas para alguns é irracional aprender em ler e escrever. Eu criança tenho a larga lembrança da vontade de estudar. Gos-tava de escrever poesia e na escrita a minha alegria era simplesmente rimar. Mas por que lá no sertão do agreste da imensidão, eu tenho uns irmãos que não podem nem sonhar? Eles são os Josés do Seu João, crianças gentis, mas que não sabem falar. Josés não são mudos não, apenas não tiveram instrução para conseguir ler e escrever. Eles não foram para a escola, não sabem jogar bola e têm que plantar para ter o que comer. Josés são oprimidos, frágeis e desiludidos que as suas vidas podem mudar. Então eu tenho uma história sobre uma imensa riqueza, cheia de amor e cuidado que para estes renegados dos sertões esquecidos irei contar. Assim vamos começar... José, Maria, Marcos e João prestem atenção que as suas vidas podem e devem mudar.

Era uma vez, não, a vez é agora, é chegada a hora de o Paulo Freire conhecer. Um homem que pensava à frente do seu tempo e que apresentava em seus textos a preocupação com as classes sociais menos favorecidas e a expansão de uma educação transformadora, para que essa pudesse ser a ponte entre o estado atual do sujeito e o mundo melhor, via disseminação do conhecimento, justiça e dignidade. Dentre as obras do autor, o livro *Pedagogia do Oprimido* completa 50 anos e o seu conteúdo emerge em pensamentos tão atuais, que nos provocam, nos remetem a avaliarmos se realmente como educadores utilizamos estratégias educacionais para levarmos o educando ao processo de reflexão sobre o seu *statu quo* e os mecanismos para a mudança da sua história, seja educacional, profissional. Contudo, a primeira normalmente está imbricada com a segunda, por que, caso contrário, deveríamos nos questionar, como professores, qual é o real sentido da educação.

Como educadora de jovens e adultos, pude vivenciar gradativamente como a abordagem so-ciocultural faz sentido na vida dos alunos. Quando elaboramos as aulas focados nos conheci-mentos prévios dos discentes a probabilidade de alcançarmos resultados mais satisfatórios

52. Autor: Patrícia Vieira Santos, aluna do Programa de Mestrado Interdisciplinar de Ciências Humanas na UNISA/SP e graduanda de Pedagogia na UNIVESP. Professora Universitária na Faculdade Piaget em Suzano, cursos: Administração e RH. Servidora no RH da Prefeitura de SP. patriciavsts@gmail.com

em relação ao processo de ensino-aprendizagem aumentam, pois os estudantes se sentem importantes, pertencentes àquele contexto e assim conseguimos participações espontâneas e engajadas. Todavia, este exercício requer olhar docente humanizado sobre os perfis dos alunos, que construirão o conhecimento na sala de aula e ações que respeitem os limites de cada um.

Como sabemos, a transferência de conhecimento não é ensinar, ou seja, ensinar é criar subsídios para que através do pensamento crítico o aluno seja autônomo nas suas ações e entenda que a mudança é possível se buscá-la também com bases em sua formação escolar. A partir dos incentivos à visão crítica de mundo promovidos por professores durante minha formação no ensino fundamental e das leituras das obras de Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia*, quando comecei a ministrar aulas no ensino profissionalizante e ensino superior, tomei consciência da responsabilidade que temos como docentes, isto é, em propiciar um aprendizado significativo, que contribua com o enfrentamento sadio da figura do opressor e da libertação do oprimido e direcionar nossos alunos para práticas cidadãs em busca da escola cidadã. Ora, qual é o sentido da sala de aula sem alunos? Qual a missão da educação senão a transformação? Assim também, como educadores, temos a incumbência de usarmos mecanismos pedagógicos que alertem os nossos estudantes e a população em ambientes de aprendizagem não formais sobre a iminente necessidade de reflexão sobre os movimentos educacionais, políticos, sociais, econômicos e culturais que nos envolvem no Brasil e no mundo para, em conjunto, idealizarmos e materializarmos ações que mudem os processos atuais, principalmente, os que afetam as classes minoritárias. Acabar com a alienação e a retenção do conhecimento é a nossa utopia.

40.

O GRITO DOS EXCLUÍDOS

Paulo de Sá Filho⁵³

Na contemporaneidade, desvelar a importância dessa obra de Paulo Freire, a Pedagogia do Oprimido, tem se tornado a cada dia um projeto de maior valia. Isso se torna evidente em virtude do campo de disputa que se tem configurado em nossa nação, que preconiza romper e dismantlar os direitos sociais outrora garantidos. Assim, tem-se escamoteado os direitos, em especial, das pessoas excluídas ou oprimidas. Diante desse cenário, trazer à discussão uma pedagogia que contribua para o processo formativo do ser humano é primordial, pois nela se evidencia a formação omnilateral, ou seja, integral do mesmo.

Como educadores devemos nesses dias dar o grito, quer seja literal ou atitudinal, para propiciar e promover esse tipo de pedagogia, que se opõe à classe dominante, em especial, quando essa, ainda que sorrateiramente, tenta espoliar os menos favorecidos. Nesse sentido, conforme Paulo Freire, temos que lutar, para garantir e se fazer cumprir o que está preconizado em nossa Constituição Federal de 1988, no que tange à educação e sua finalidade, no artigo 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988).

Sobre a ótica da educação como direito de todos, devemos nos ater a três pontos chaves: ao pleno desenvolvimento da pessoa, ao preparo para o exercício da cidadania e para a qualificação para o trabalho. Entretanto, ressalta-se, que em uma concepção inclusiva e emancipadora, como a proposta por Paulo Freire, devemos entender esses três pontos da seguinte forma: 1 - Pleno desenvolvimento da pessoa: nessa perspectiva, é preciso reconhecer cada indivíduo como um ser que aprende e que ensina em todo o momento, assim, percebendo-o como sujeitos trinos, ou seja, humanos, sociais e culturais. Entende-se assim a educação na concepção plena, que promova a inter-relação entre trabalho, ciência e cultura. Com isso, tem-se como base o trabalho como princípio educativo, a ciência como os conhecimentos produzidos pelo homem ao longo da história e cultura como valores e regras de uma comunidade. Assim, uma educação dessa natureza precisa ser politécnica; isto é, uma educação que, ao propiciar aos sujeitos o acesso aos conhecimentos e à cultura, construídos pela humanidade, propiciem a realização de escolhas e a construção de caminhos para a produção da vida. 2 - Preparo

53. Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica. Coordenador de Educação a Distância. prof.paulo@hotmail.com.br

para o exercício da cidadania: inicialmente a de se entender que o conceito de cidadania aqui deve ser entendido em uma concepção que nasce da liberdade política, da igualdade social, do direito à educação, ao trabalho, a moradia e a saúde, e que esses sejam oportunizados a todos os indivíduos, independentemente de sua classe social. 3 - Qualificação para o trabalho: Ao observar a qualificação para o trabalho, a de se evidenciar que na concepção de educação emancipatória, parte-se de uma formação para o mundo do trabalho e não para o mercado. Tendo em vista que essa perspectiva contempla o trabalho como princípio educativo. Nessa ótica, percebe o trabalho em seu sentido ontológico, ou seja, como a ação humana de interação com a realidade para a satisfação de necessidades e produção de liberdade e não apenas como ação econômica.

Ao promover esse grito, o qual possui como finalidade estabelecer essa concepção de educação e sociedade, alinhado a conscientização promovida por Freire “que prepara todos nós no plano da ação e para luta contra os obstáculos à humanização”, conseguiremos promover a real liberdade dos excluídos e oprimidos.

41.

FREIRE, REFLEXÕES PARA HUMANIZAÇÃO

Robson Andrade Costa⁵⁴

Ainda lembro-me da primeira vez que ouvi o nome Paulo Freire. Foi em 2008, numa aula de Didática no curso de Licenciatura em História. O professor fazia menção à obra *Pedagogia do Oprimido*. Confesso que até então, nunca tinha ouvido alguém relacionar educação e amor de forma tão comovente e inteligente. A cada parágrafo lido em aula, eu ficava surpreso de como as problematizações e sugestões de Paulo Freire ainda eram tão contemporâneas, não só para o ambiente escolar, mas para o contexto social, num todo. E ao mesmo tempo, fiquei intrigado em saber mais desse autor, professor e humano.

A princípio, fui impulsionado a pesquisar Paulo Freire para saber mais do que ele falava sobre Educação. Isso se deu porque eu concordava com tudo que ele falava na obra *Pedagogia do Oprimido*, e ao mesmo tempo não entendia o porquê ainda não tínhamos resolvido alguns problemas sociais e educacionais, se esse pernambucano – “cidadão do mundo”, já apontava vários caminhos para as soluções.

Trabalho numa instituição de ensino superior, onde leciono em diversos cursos que não são da área educacional; Administração de Empresas, Logística e Recursos Humanos. E em todos esses cursos eu utilizo parte da obra *Pedagogia do Oprimido*. Inicialmente, fiquei receoso de como se daria a compreensão textual. Mas desde a primeira experiência e até hoje, porque continuo utilizando essa Obra em aula, consigo ver a animação da turma em participar da aula. Muitos dos alunos me procuram no final da aula para dizer: professor, hoje a sua aula foi top. Eu sei que na verdade eles se identificam com as abordagens e reflexões trazidas por Paulo Freire. Pois, em meio a tantos textos carregados de apenas informações técnicas, que são inerentes do conhecimento científico, mas se sentem contemplados com a simplicidade da escrita, mas não menos importante, e questionamento do Paulo Freire sobre um mundo injusto, de oprimidos e opressores.

Essa Obra nos serviu e ainda serve, como um instrumento que nos auxilia nesse processo de transformar alunos em alunos humanizados e cidadãos conscientes e críticos das suas realidades, a partir da problematização da sua realidade. “[...] Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas” (FREIRE, p. 39). Nessa perspectiva, conhecer nossa realidade está ligado ao nosso processo de humanização. Mas não devemos apenas questionarmos e sermos conscientes das nossas realidades. Freire nos inspira a agarrarmos

54. Especialista em História, Sociedade e Cultura pela PUC-SP, professor universitário na Faculdade Aliança Educacional do Estado de São Paulo.
historiadorobson@hotmail.com

nossas realidades para transformá-las. E para tanto, precisamos resistir às injustiças que são promovidas por opressores quando caracterizam o endividado oprimido com o “ser menos”. “[...] E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e os opressores” (FREIRE, p. 41).

Para finalizar, o que mais me chama atenção nessa Obra, é que ela me serviu de inspiração nos anos iniciais na minha carreira profissional, mas até hoje, quando me sinto desanimado, que não são poucas às vezes, eu recorro aos escritos dessa obra clássica, e ainda me sinto movido para continuar sonhando e esperançoso. “Esperançoso”, não no sentido de ficar como alguém que apenas espera dias melhores, mas de acreditar na importância do nosso trabalho docente em relação à construção de um mundo mais justo, amoroso e respeitoso.

42.

NA MELODIA DE FREIRE

Rosemara C. S. Ribeiro Cassimiro⁵⁵

Quero deixar aqui não somente um olhar, mas uma escuta atenciosa das palavras de Paulo Freire. Todo início de leitura de suas palavras nos leva a refletir sobre nosso papel diante desse diálogo e nos envolve de tal modo que ficamos motivados à conversa. Freire deixa bem claro que tudo deve ser ouvido e analisado atentamente porque é nessa relação dialógica que o leitor percebe a postura histórica, sociológica e ideológica do autor. Reconheço a humildade como coloca seus pensamentos, mas também o poder com que promove a autonomia daquele com quem está dialogando. Um exercício sem fim de se ver e de ser, de questionar para onde olha, por onde anda e por qual caminho continuar.

Freire oferece a possibilidade de diversos horizontes sem menosprezar nenhum deles. Uma descoberta da identidade que na verdade está em todos esses horizontes, mas que às vezes demoramos a perceber porque o nosso tempo é assim, também diferente.

Depois de combinados diversos e do comprometimento com o diálogo, Freire inicia uma reflexão mais sistemática pautada em autores que também o ajudaram a elaborar suas palavras, sejam pesquisadores já reconhecidos na literatura, sejam camponeses que, também pesquisadores da vida, chegaram a um entendimento por suas descobertas.

Revendo *Pedagogia do Oprimido*, a primeira reflexão que Freire nos convida a fazer é sobre o estar. Onde e como você se vê na realidade social? Na sua casa, no trabalho, no seu espaço, na sua comunidade, no seu município, no seu país e no mundo. Você é parte do seu território? Como você faz a sua parte? Qual é o seu papel diante desses contextos? Durante esse exercício me deparei com estes pensamentos e os coloco aqui, em forma de poesia.

Que dezoito é esse?

Quando o olho não me identifico.

Quando o vejo me vejo nele...

Forma alterada um pouco evidente,

Marca que estica e volta me torna
excludente.

Que tempo é esse?

Dá um salto, encontra outro...

Um choque de traços e laços.

Responsabilidade firmada:

de filha para mulher, professora, esposa e
mãe.

Consciência de tempo e momento.

Necessária para continuar o caminho.

Caminhar...

55. Pedagoga que exerceu o magistério durante 26 anos como alfabetizadora. Atua hoje na equipe educativa do MAC Itajahy Martins em Botucatu/SP promovendo diálogo entre o público, a exposição e os mediadores, incluindo-se.

rr.cassimiro@gmail.com.

Reconhecendo o meu estar na minha atuação: sou autônoma ou reprodutora? Sigo o fluxo dos acontecimentos de forma mecânica, automática, passiva ou tento olhar e agir com consciência promovendo diálogos? Ouvindo, falando, aprendendo?

Este parágrafo me convida a parar, reler, sentir e pausar até estar pronta para continuar.

Não posso investigar o pensar dos outros, referido ao mundo se não penso. Mas, não penso autenticamente se os outros também não pensam. Simplesmente, não posso pensar pelos outros nem para os outros, nem sem os outros. A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito de seu pensar. E se seu pensar é mágico ou ingênuo, será pensando o seu pensar, na ação, que ele mesmo se superará. E a sua superação não se faz no ato de consumir ideias, mas no de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação. (1)

Trata-se de ação com os pares, investigando, pesquisando, analisando e caminhando junto, traçando as possibilidades do que fazer. Estar junto é manifestar a reciprocidade, a fraternidade e a humildade. É buscar decidir pelo comum, pelo amor e pela qualidade desse fazer. Colocar-se como aprendente, inconcluso, mas também necessário à sua comunidade, como ensinante no diálogo. É acreditar que nos complementamos neste espaço de vida, que é território mas também é tempo.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 119.

43. A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUE QUEREMOS PARA O NOVO APRENDIZ

Rozineide Iraci Pereira da Silva⁵⁶

Uma das obras que serve como bases estruturais para o bom educador, sonhador e lutador a *Pedagogia do Oprimido*. Diante das dificuldades encontradas em sala de aula, um dos grandes exemplos a ser seguido, o educador Paulo Freire em seu livro a *Pedagogia do Oprimido*, desencadeia caminhos de suma importância para cada cidadão no processo de ensino aprendizagem. A educação escolar a cada dia está avançando e transformando as vidas dos cidadãos brasileiros. Como professora da educação básica dos anos iniciais, luto por uma educação de qualidade para todos, leciono em uma escola da zona rural no município de Cumaru-PE.

Irei relatar um grande exemplo a ser refletido na educação. Freire é um dos meus teóricos que me acompanha desde a graduação, tive o interesse e vontade de ser voluntária do Programa Paulo Freire-Pernambuco Escolarizado no ano de 2012/2013. Para conhecer melhor os métodos de Freire e fiquei apaixonada pela metodologia. Percebi a necessidade de alfabetizar meu esposo Ednaldo José da Silva, que ele na infância não teve a oportunidade de ser alfabetizado, foi um grande desafio alfabetizar meu esposo com 41 anos de idade, ele não sabia pegar no lápis.

Em apenas oito meses de duração do Programa Paulo Freire-Pernambuco Escolarizado, Ednaldo conseguiu ser alfabetizado diante dos seus conhecimentos prévios com palavras chaves da realidade do seu convívio social e cultural. Ele atualmente esta cursando o 6º ano do ensino fundamental dos anos finais, é essa educação que defendo uma educação voltada à realidade do educando, porque nunca será tarde para aprender a ler e escrever.

Hoje meu esposo conseguiu a habilitação de motorista com a categoria A e D, um sonho realizado para sua vida profissional. Gosto de citar Ednaldo porque tive esse sonho de alfabetizá-lo e foi através das metodologias de Freire que consegui o êxito do mundo da leitura e escrita para Ednaldo. Na minha carreira profissional gosto de citar Ednaldo para os meus novos alunos, para estimular cada aprendiz, a sentir a força e o poder da educação escolar na vida de cada cidadão. Se cada um de nós educadores buscarmos novos caminhos motivadores, com aulas prazerosas partindo da realidade e interesse do educando, valorizando e incentivando a educação escolar crítica do mundo social e cultural.

56. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA. Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Escritor Osman da Costa Lins- FACOL, Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Gama Filho-UGF. Doutoranda em Ciências da Educação pela Atenas College University. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6545566162309530>. neide-silva96@hotmail.com.

Buscando suportes nas metodologias ativas para o cotidiano escolar, sempre renovando todos os conteúdos programados diante das competências e habilidades trabalhadas no espaço aula. Observando e analisando as propostas curriculares se estão de acordo com a realidade do aluno, são esses suportes que devemos analisar para almejar o sucesso da educação em sala de aula. Para um ensino aprendizagem de qualidade nas escolas públicas ou privada. Freire nos mostra a importância e necessidade de uma pedagogia dialógica emancipatória, cada educador e educando busquem o diálogo com base no amor com ação reflexiva e crítica para a transformação da realidade opressora em que vivemos.

44 PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO

Sabrina Stein⁵⁷

Paulo Freire foi um educador que sempre se preocupou com o oprimido, pois percebia que as situações de exploração existentes na sociedade só poderiam ser superadas se houvesse um trabalho educativo que proporcionasse aos oprimidos, a possibilidade de enxergar a opressão sofrida para poder, por meio de uma reflexão, encontrar meios para superar a dominação, alcançando assim a libertação.

Uma das publicações que inspira um número cada vez maior de educadores no mundo é o livro *Pedagogia do Oprimido* que completa 50 anos de sua produção. Mesmo com meio século de existência, as palavras ali proferidas por Freire continuam vivas, porque ainda hoje, existem oprimidos que anseiam por libertação e uma das formas de alcançá-la é por meio de uma educação emancipatória que visa denunciar as explorações existentes para que, por meio de reflexões, haja a superação dessa condição na qual o sujeito se encontra oprimido.

Nesse livro, Freire denuncia o processo de dominação existente na sociedade e fundamenta uma crítica a escola tradicional, que, por meio do desenvolvimento de uma educação bancária, concebe o conhecimento como informações que são transferidas do professor para o aluno.

O educador nesse processo tem papel ativo, pois sua função é depositar o máximo de conhecimento no educando, que, tem sua ação limitada a uma recepção passiva, sendo comparado a um depósito de saberes, não sendo possível uma relação dialógica, pois o único que detém o saber é o professor, que se encontra em situação de superioridade em relação ao aluno.

Para contrapor a educação bancária, Freire busca trazer o conceito de *educação problematizadora*, pois para ele, o conhecimento não é algo individual ou isolado, é algo que se constitui com a participação de todos, pois os sujeitos se educam mutuamente, a partir das relações conjuntas por meio do diálogo. Aqui, o educador é aquele que problematiza, que indaga e, junto com os educandos constrói o saber. Nessa perspectiva, todos os sujeitos do ato pedagógico são ativos e criam um conhecimento do mundo.

Algo que é muito presente nessa concepção de educação é que o currículo deve ser concebido a partir da realidade do educando, pois por meio das experiências que possuem, é possível ao educador organizar os conteúdos para direcionar as aulas. Aqui, se parte da realidade, de modo que o conhecimento tenha significado e alcance a dimensão política que denuncia as situações

57. Mestranda em Ensino de Humanidades pelo Instituto Federal do Espírito Santo-Ifes. Professora do Ensino Fundamental I pelos municípios de Domingos Martins e Venda Nova do Imigrante-ES. sabrinastein03@gmail.com.

de exploração existentes, para que juntos, por meio do diálogo, possam encontrar alternativas para a superação da dominação.

Mediante a isso, o educador que é comprometido com a educação, que é político no sentido de não estar passivo diante de um currículo que visa à dominação em massa, deve se pautar nas ideias de Freire para que, seu fazer pedagógico tenha uma ação transformadora, em busca da humanização do sujeito que, se sente desumanizado pelas condições sociais na qual vive.

É dever do professor a promoção do diálogo, pois, ninguém se educa na individualidade, nos educamos no coletivo, por meio das diferentes realidades na qual estamos inseridos. Por isso, Paulo Freire busca encorajar todo aquele que se sente comprometido com a educação, pois somente por meio de uma educação problematizadora poderemos chegar a uma emancipação que fará os sujeitos terem voz e vez, de modo a alcançarem uma libertação que os humanize. Somente o educador comprometido poderá ser o condutor desse processo para a promoção de uma sociedade onde todos possam ter, nos dias atuais e nos que seguem, oportunidades iguais.

45. A SUSTENTABILIDADE E A RELAÇÃO OPRESSOR-OPRIMIDO

Sheila Ceccon⁵⁸

Paulo Freire não dedicou nenhuma de suas obras explicitamente à educação ambiental ou à sustentabilidade, entretanto, não são poucas as contribuições que encontramos em seus escritos relacionadas à educação ambiental crítica, politizadora e comprometida com a transformação das pessoas e do mundo..

A importância da formação de cidadãos/ãs que se posicionam frente à realidade, não se deixando enredar pela massificação de comportamentos tão comum em nossa sociedade, que nos faz abrir mão do direito a decidir o que queremos ser ou fazer, foi explicitada em várias obras de Freire. Hoje, percebemo-nos, claramente, reféns da “*publicidade organizada*”, que vem decidindo por nós muitas de nossas ações, manipulando corações e mentes, incentivando o consumo, determinando desejos e opiniões.

Quando escreveu o livro *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire afirmou que

a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente de homens. A reflexão que esta educação propõe, é sobre os homens e sua relação com o mundo. (FREIRE, 2003, pg. 70)

Nessa perspectiva, busco problematizar as relações da humanidade e da sociedade contemporânea com a Terra.

A relação da humanidade com a Terra é mais “vital” do que a relação entre um morador e sua casa. Basta refletirmos sobre o que compõe nosso corpo, nossos músculos e sangue. A água que corre nos rios e oceanos e compõe o corpo de todos os outros animais, é a mesma água que corre em nossas veias, que constitui 70% do nosso corpo. Os mesmos elementos químicos existentes no nosso sangue, o ferro, o potássio ou o cálcio, por exemplo, têm sua origem na terra, no solo que produz os alimentos que ingerimos. O ar que enche nossos pulmões é o mesmo ar que oxigena todos os animais e plantas.

Nessa perspectiva, somos Terra. Isso nos faz refletir sobre a relação da sociedade contemporânea com o planeta sob a perspectiva das relações sociais, de domínio e submissão, de exploração e subjugação.

58. Engenheira agrônoma, mestre em Ensino e História de Ciências da Terra pelo Instituto de Geociências da UNICAMP-SP. No Instituto Paulo Freire coordena a Unifreire e é responsável pela dimensão socioambiental das assessorias e projetos desenvolvidos.
sheila.ceccon@paulofreire.org

A humanidade integra a Terra e ambos sofrem com as ações praticadas em decorrência da opção por um modelo de desenvolvimento social e econômico baseado na injustiça social e na sobreposição de direitos de uma minoria sobre uma imensa maioria. A relação entre opressores e oprimidos não se limita a ferir mortalmente os dois terços da humanidade que não têm acesso a condições de vida digna, mas também a Terra, igualmente oprimida, saqueada, destruída. Analisar sob este ponto de vista nos possibilita perceber a Terra como um grande oprimido, a inclui entre os “esfarrapados do mundo”, citados por Paulo Freire na introdução do livro *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2003).

É inegável que o bem estar de alguns/as tem comprometido a vida de todos/as. Justiça social e sustentabilidade caminham juntas, são partes de um mesmo organismo.

Concluo citando novamente Paulo Freire: “a opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida” (FREIRE, 2003, p. 65).

Referências

FREIRE, Paulo, 1996. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra.

_____, 2003. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GADOTTI, Moacir, 2001. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis

46 EAD FREIRIANA: EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NUMA PERSPECTIVA DIALÓGICA E EMANCIPADORA

Simone Chung Hiun Lee⁵⁹

“NINGUÉM EDUCA NINGUÉM, NINGUÉM EDUCA A SI MESMO, OS HOMENS SE EDUCAM ENTRE SI, MEDIATIZADOS PELO MUNDO.”
(Freire, 1987)

Atuo no Instituto Paulo Freire desde 2011. Desde quando iniciei minhas atividades na Equipe de Educação de Jovens e Adultos, e em outros projetos em que tive oportunidade de participar, a Educação a Distância (EaD).

Compartilho aqui a experiência das formações no projeto MOVA-Brasil, do qual participei a partir de 2013, compondo a sua equipe pedagógica. Tratou-se de um projeto de alfabetização de jovens, adultos e idosos, de dimensão nacional, que atendeu, ao longo dos 12 anos de realização, os Estados de Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Paraíba e Pernambuco e alfabetizando mais de 300 mil educandos nesse período.

Um princípio e, ao mesmo tempo, um grande desafio, foi a formação continuada de toda a equipe de educadores deste projeto, visando à qualidade a todos os educadores, considerando-se seu alcance nacional e o número de formadores a cada etapa do mesmo.

Em sua última etapa, em 2015, participaram aproximadamente 900 monitores e 60 Coordenadores Locais, distribuídos em 10 polos (Estados). A formação continuada dessa equipe, como das anteriores, era aspecto prioritário para a aprendizagem dos alfabetizando.

Os conteúdos e metodologias das formações, inspirados nas obras de Freire, entre as quais, Pedagogia do oprimido, partem da realidade vivida, orientando-se pelo movimento da ação-reflexão-ação. Conhecer a prática e o conhecimento dos participantes, problematizar as situações significativas, aprofundar o conhecimento e reorientar a prática da formação.

Para aprofundar os estudos e as reflexões, somando aos encontros presenciais de formação continuada, em alguns projetos, como ocorria no projeto MOVA-Brasil, há a formação continuada por meio do ambiente EaD. Mas, há de se destacar que o grande diferencial nas formações realizadas na plataforma EaD pelo IPF são os fóruns de discussão e os chats que possibilitam o intercâmbio de experiências, reflexões e a construção de conhecimento entre os participantes, para além das videoaulas, leituras e atividades propostas. Destaca-se também, a mediação

59. Pedagoga e Pós Graduada em Magistério do Ensino Superior pela PUC/SP. Atua na EaD Freiriana e em outros projetos do Instituto Paulo Freire.
simone.lee@paulofreire.org

dos educadores das formações nas discussões e fóruns enriquecendo este processo. Apesar da “distância”, a interação na plataforma é intensa e a todo o momento se observa o exercício da “escuta” e do respeito às diferentes opiniões. A tecnologia, neste caso, é uma ferramenta para estudo e aprendizado da metodologia freiriana.

Atualmente, o IPF, para além do contexto dos projetos que desenvolve, utiliza o ambiente EaD também para oferecer formação a educadores/as e ao público em geral, interessados em conhecer ou aprofundar os estudos sobre o pensamento de Paulo Freire. Este ambiente é um ponto de encontro, de diálogos, de compartilhamento de ideias, materiais, propostas, textos, dúvidas, sugestões que culminam em encontros presenciais no início, no meio do curso e ao final do curso que humanizam a Educação a Distância com amorosidade e dialogicidade. Nestes encontros presenciais, podemos escutar e dialogar com os cursistas, acolhendo suas expectativas, dificuldades encontradas e avaliar juntos, os resultados alcançados e levantar aspectos que podem ser melhorado em nossas futuras formações.

47

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E A VIOLÊNCIA CONTRA OS PROFESSORES

Solange Martins Oliveira Magalhães⁶⁰

Em alguns momentos da obra de Paulo Freire nos deparamos com suas reflexões sobre a questão da violência, nesses pontos identificamos referências ao fato que ela pode fazer parte do equilíbrio social, sendo parte dos processos de transformação social. Mesmo que ele tenha admitido o fato da violência ser um fenômeno transitório, doloroso e necessário, não há como fugir de sua palavra de ternura, mansidão e generosidade. Uma característica impar dos seus escritos em *Pedagogia do Oprimido*, que nos leva a considerar o como a sua discussão sobre a questão da violência, aproxima-se de sua constante ética e posição humanista.

Ele a descreve o lugar da violência no social democrático, como parte de supostos conflitos sociais que fazem parte do processo de voltar a um estado de “paz”. Por sua teorização entendemos a assunção de uma posição de militância, de busca e solução dos conflitos, sobretudo quando há ameaça à democracia, como é o caso do nosso atual momento histórico. Sobre esse aspecto, nos parece ser bastante coerente a posição de Freire, pois sua palavra continua sendo impregnada de generosidade, mansidão e respeito diante das diferenças étnicas, religiosas, políticas. E mesmo ao discutir um assunto tão polêmico como a violência, nos deixou uma mensagem de tolerância autêntica diante das diversidades de posturas e leituras de mundos culturais dos homens e mulheres.

Esse é apenas mais um exemplo do seu cuidado ético com as vidas, seu respeito pela luta incessante pela Paz, sobretudo, por uma educação para a autonomia e libertação. Se para ele a violência fazia parte do equilíbrio social, o reverso da moeda é uma posição militante, política, que se antagoniza, radicalmente, contra injustiças sociais. Suas posições nos dão alento frente as atuais questões críticas postas à educação. Ele nos reforçar esperanças e utopias, frente a condição de degradação e violência que assolam os professores, como mecanismos de opressão.

Como as violências se naturalizam no social, fazendo-se presentes no movimento das políticas que perpassam o campo educacional, Freire alerta para o fato que não devemos subsumir a dominação ideológica que reforça a coerção e o dano. Superar a naturalização da violência e da opressão social, envolve assumirmos a Pedagogia Crítica. Na perspectiva de Freire, só ela será capaz de gerar entendimento e intervenção das posições contraditórias, e conscientização, como único caminho - o da humanização e emancipação, capaz de retirar os professores de

60. Pedagoga, Psicóloga. Doutora e Mestre em Educação. Professora do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás.
solufg@hotmail.com

sua condição de sujeição, opressão e desigualdade, sustentadas por sua consciência oprimida (FREIRE, 2001).

A humanização, por meio do processo de conscientização é o objetivo maior da *Pedagogia do Oprimido* - uma Pedagogia Crítica. Qualquer tentativa de superação da opressão e da violência contra os professores, necessita resultar do movimento de compreensão das relações reificadas e desumanizante que os envolvem. Do contrário, o seu pensar sobre o mundo resultará apenas em derrotismo e pessimismo. No texto da *Pedagogia do Oprimido*, há **luz e esperança**, que nos apoiam na busca de solidariedade, mas também nos incita a contestação e resistência. Freire nos exigiu uma escolha, compromisso e luta, como aspectos fundamentais no processo educacional emancipador. Afinal, o ato de educar é ato político, deve referendar a existência da politicidade na educação. Em tempos de “Escola sem partido”, superar a violência postas aos professores, exige não só a luta em defesa da educação, mas conhecer as situações que nos envolvem como professores. A *Pedagogia do Oprimido* nos leva a crer que um professor emancipado é sujeito da transformação da educação e de si próprio, pois torna-se lutador por uma educação para a liberdade, o que também institui novas formas de enfrentamento e superação da violência que lhes são atualmente impostas.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 184 p.

48. A EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS COMO POSSIBILIDADE DE LIBERTAÇÃO DO OPRIMIDO

Sonia Couto Souza Feitosa⁶¹

O analfabetismo entre pessoas jovens, adultas e idosas tem se concretizado como uma das formas mais cruéis de exclusão. A pessoa não alfabetizada vive cotidianamente inúmeras situações de humilhação, insegurança, dependência e medo, que são marcas expressivas da opressão. O analfabeto é, nessa perspectiva, um oprimido.

Essa opressão traz marcas indelévels na vida desses sujeitos e somente a consciência de que são oprimidos pode libertá-los. Mas essa consciência não se dá automaticamente. Ela acontece por meio de uma imersão profunda na realidade, da desnaturalização daquilo que foi apresentado como verdade inquestionável. Somente assim é possível a libertação. A metodologia freiriana propõe essa imersão.

A alfabetização se torna, portanto, um instrumento indispensável ao exercício da plena cidadania. O analfabetismo entre pessoas jovens e adultas dificulta a participação ativa dos sujeitos nos processos decisórios; por isso, a alfabetização é condição necessária para o desenvolvimento de um país, e fortalecimento da democracia.

Para acabar com a opressão é necessária uma força coletiva e construir narrativas de libertação. Tomemos como exemplo as palavras de Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (2005, pp. 160 e 161)

“Na medida em que as minorias, submetendo as majorias a seu domínio, as oprimem, dividi-las e mantê-las divididas são condição indispensável à continuidade de seu poder. Daí que toda ação que possa, mesmo incipientemente, proporcionar às classes oprimidas o despertar para que se unam é imediatamente freada pelos opressores através de métodos, inclusive, fisicamente violentos. Conceitos como os de união, de organização, de luta são timbrados, sem demora, como perigosos, e realmente o são, mas para os opressores.(...) O que interessa ao poder opressor é enfraquecer os oprimidos mais do que já estão, ilhando-os, criando e aprofundando cisões entre eles, através de uma gama variada de métodos e processos”.

Diante da urgência de romper esse ciclo de exclusão e opressão a que são submetidos milhares de jovens, adultos e idosos não alfabetizados e/ou com baixa escolaridade, faz-se necessário

60. Mestre e Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP (FE-USP). Licenciada em Letras e Pedagogia, é professora aposentada da PMSF. É autora do livro *Método Paulo Freire, a reinvenção de um legado* (Brasília: Liber livros, 2011) e de livros didáticos para EJA na perspectiva freiriana. É coordenadora do Centro de Referência Paulo Freire. sonia.couto@paulofreire.org.

o estabelecimento de políticas públicas para esta modalidade que atendam, de forma efetiva, as necessidades educacionais do público da EJA, marcado pela diversidade dos sujeitos e pela condição de trabalhadores. Temos, ainda hoje, perto de 13 milhões de brasileiros e brasileiras encontram-se ainda excluídos da plena participação na sociedade letrada.

Ao adentrar o século XXI, aumenta a consciência de que o país tem uma dívida social histórica com a população jovem e adulta que não teve acesso ao direito fundamental da educação ao longo da vida, mas ainda persiste a invisibilidade da EJA, embora seja uma modalidade da educação básica de caráter regular, prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN/96.

Esse é um desafio que temos pela frente. Entre a EJA que temos e a que queremos há um espaço que precisa ser preenchido por políticas públicas de inclusão a todos e todas. A mudança é possível, urgente e necessária.

Referências

FEITOSA, Sonia Couto Souza. **Método Paulo Freire: a reinvenção de um legado**. Brasília, DF: Líber Livro, 2008.

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia do Oprimido***. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

49.

ROMPENDO A OPRESSÃO

Tatiane Chaves da Silva⁶²

Paulo Freire, exemplo de doçura, sabedoria e sensibilidade. Partiu deste mundo, mas se mostra vivo, por meio de suas obras e seus ideais. Acompanhar pessoas que conviveram com ele é fascinante, o acolhimento é admirável e tocante. *Pedagogia do Oprimido* se faz atual mesmo após cinquenta anos de sua publicação.

A condição de oprimido é aquela que aprisiona, sufoca e priva da liberdade; trazendo consigo amargura, tristeza, infelicidade e desânimo. Os motivos que geram a opressão são os mais variados possíveis; a sociedade onde vivemos, as escolhas que fazemos, os sonhos deixados para trás, os “nãos” reproduzidos ou os “nãos” recebidos. A opressão castiga, puni, classifica e impede a reação do oprimido. Ela é agressiva, silenciosa e dolorosa. O fracasso atormenta a alma e a reação opressora impede a pessoa de viver com serenidade.

Diversas situações geram oprimidos e opressores. No entanto, ao ponderar as circunstâncias deparamo-nos com um opressor sendo em seu mais íntimo ser, um oprimido, um sujeito que é aprisionado por sua insegurança, pela infelicidade e pelo medo.

Acreditar em um sonho passa a ser a motivação para reagir contra tudo e contra todos. O oprimido descobre nascendo dentro de si, algo iluminado e grandioso. Esta força se chama esperança. O caminho para a paz ultrapassa as fronteiras do autoritarismo e da inércia, rompe esta prisão com inteligência e sabedoria. Surge assim um sujeito diferenciado, que pensa, reflete, debate, argumenta e escuta. Rompendo o estado inicial de opressão.

O conhecimento abre os olhos e conduz a ação das pessoas que se libertam e rompem a opressão de tal maneira que envolve, encanta e liberta. Ao buscar determinado conhecimento o oprimido abre uma nova janela, acende uma luz e se prepara para reagir pacificamente e com diálogo contra injustiças e opressões. Brota e transborda alegria, o oprimido se vê diferente, fortalecido e renovado.

A época em que vivemos, têm sido uma era de opressão, por diversos âmbitos, onde o individualismo e a violência tendem a impedir qualquer reação do oprimido. Contudo o quadro que antes o silêncio era a estratégia adotada, hoje a superação e o grito que eco na sociedade tem sido responsáveis pela libertação.

Com união, troca de saberes, humildade e igualdade, a transformação acontece e a opressão desaparece.

62. Pedagoga e Professora do Ensino Fundamental I.
tati.professora@hotmail.com

50. SOCIODRAMA E EDUCAÇÃO: EPISTEMOLOGIAS FREIRIANAS

Yandra de Oliveira Firmo⁶³

Para a celebração dos cinquenta anos da obra *Pedagogia do Oprimido*, trazemos um breve olhar de nossas buscas para andarmos sobre solos democráticos na escola. Grandes transformações econômicas, sociais, culturais, éticas e estéticas vêm marcando acentuadamente a sociedade provocando profundas contradições, sobretudo no tocante à educação que passa a ser um decodificador desses movimentos e dessas manifestações. Neste contexto, indicadores têm revelado que esta vive um processo intenso e rápido de mudanças. Desse modo, temas como democracia, justiça social, protagonismo e opressão se tornam necessários estar presentes em debates, desdobrando-se em propostas pedagógicas, que apostam no potencial transformador da aprendizagem. Este trabalho vai nesta direção, pois objetivamos olhar para as epistemologias freirianas nos dias atuais e compreender como o sociodrama pode contribuir para a formação e preeminência dos vínculos entre os sujeitos na práxis pedagógica e a ação educativa visando uma educação democrática, favorecendo a fruição do encontro, criatividade, interconectividade, consciência crítica e aprendizagem de alunos da Educação Básica. Realizamos esta proposição de olhares, por meio da concepção de educação como prática da liberdade de Paulo Freire e o método do sociodrama criado por Jacob L. Moreno, lançando o olhar para ação interventiva. Este campo de interação realiza-se a partir da concepção de educação freiriana, que percebe o indivíduo com possibilidade e capacidade para ser crítico reflexivo e livre, objetivando desenvolver uma ação cultural para a promoção de todos e todas creditando nas vocações. Freire propôs um processo cuja matriz é o diálogo respeitoso do saber, se distanciando das colonizações culturais, da opressão, aclamando a fraternidade, a liberdade e a amorosidade como elementos fundamentais para suscitar a colaboração, união, e síntese cultural, entrelaçados com o sociodrama, que tem em suas características a emancipação de seus participantes, nos contextos afetivos, sociais e políticos. Uma ação pedagógica dialógica e transcultural que se fundamenta no ideário de uma educação crítica, igualitária e libertadora, ou seja, contra opressores e mecanismos que impedem o jovem de ser protagonista de si no mundo mediante suas experiências vividas. Trazemos como hipótese, que o sociodrama pode ser utilizado no cotidiano escolar por ter como princípio a plenitude da experiência e a ação-reflexão-ação, vivenciadas nas práticas dialógicas e inventivas. O sociodrama é um método que

63. Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, linha de pesquisa Movimentos Sociais Política e Educação Popular. Professora da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso. Licenciada em Artes, Psicodramatista, Atriz e Diretora Teatral. yandrafirmino@gmail.com

se propõe compreender os grupos e as relações intergrupais, seus conflitos e sofrimentos. É um procedimento de pesquisa participante que objetiva entender os processos grupais e intervir em uma de suas situações-problema, por meio da expressão/ comunicação, tendo como ação principal a dramatização e o jogo de papéis sociais, buscando aflorar bem como amenizar esses conflitos e os sistemas de contradição que existem nas relações entre indivíduos. É possível ponderar que o sociodrama é um instrumento para levantamento de dados diagnósticos que apresenta possíveis soluções dos conflitos escolares que distanciam os jovens alunos de uma educação protagônica, catártica, emancipatória e equânime, podendo vir a ser um instrumento de encorajamento para o discente como um ser protagonista na construção de conhecimento e reconhecimento de si e do mundo.

POSFÁCIO - 50 OLHARES SOBRE OS 50 ANOS DO LIVRO PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: AS RELAÇÕES HOMENS-MUNDO

Paulo Roberto Padilha e Ângela Biz Antunes⁶⁴

Por ocasião do aniversário de 40 anos da publicação do livro mais conhecido de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido* (1968), o Instituto Paulo Freire publicou um Caderno de Formação intitulado *40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do Oprimido* para homenagear Paulo Freire por tão importante obra (2008, IPF, Série Cadernos de Formação; 2008 1).

Foram 40 olhares em exatas 40 páginas onde cada autor contribuiu com breves, mas profundas palavras. Interessante observar que vários destes autores, para além de suas contribuições específicas para a educação e para a literatura brasileira, conviveram e trabalharam muito de perto com Paulo Freire. Foi o caso, por exemplo, de Moacir Gadotti, José Eustáquio Romão, Carlos Alberto Torres – estes três, fundadores do IPF, além de Mário Sérgio Cortella, Carlos Rodrigues Brandão, Ana Maria Saul, Benno Sander, Pedro Pontual, Alípio Casali, Leonardo Boff, Eliete Santiago, Ladislau Dowbor, Célia Linhares, Maria Stela Graciani, Luiza Cortesão, Luiz Eduardo Wanderley, Rubem Alves, Venício A. de Lima, Frei Betto, entre outros(as) reinventores(as) do legado freiriano.

Foi recordando daquela experiência que tivemos a ideia, em 2018, por ocasião do lançamento da segunda edição do curso *A Escola dos Meus Sonhos*, com o professor Moacir Gadotti, pela EaD Freiriana, de novamente homenagearmos Freire, agora, comemorando os 50 anos do *Pedagogia do oprimido*. Assim nasceu este E-book.

Como são 50 anos da obra, seguimos a mesma lógica dos 40 olhares, só que, agora, com 50 artigos, convidando para participar desta histórica publicação, cursistas que se inscreveram durante a pré-matrícula do curso e que, evidentemente, tivessem o interesse e a disposição de participar. Dessa forma, ao final do curso, com alegria, recebemos os artigos, todos revisados e aprovados pela equipe da EaD Freiriana, que se juntaram aos textos da nossa equipe e, assim, compusemos este belo E-book, com 50 olhares sobre a Pedagogia do oprimido.

A experiência da produção desta nova publicação deixou em nós muitas marcas, sabores, imagens, sensações, aprendizagens. Em primeiro lugar, ficou marcada a diversidade da origem e das experiências dos nossos cursistas-autores: pessoas com formações variadas, que estão

64. Paulo Roberto Padilha é mestre e doutor em Educação pela FE-USP. Diretor pedagógico do Instituto Paulo Freire. Autor do livro *Planejamento dialógico* (2001), entre outros.

paulo.padilha@paulofreire.org.

Ângela Biz Antunes é mestre e doutora em Educação pela FE-USP. Diretora pedagógica do Instituto Paulo Freire. Autora do Livro *Aceita um Conselho? Como organizar o colegiado escolar* (2002), entre outros.

angela.bizantunes@paulofreire.org.

tanto em início de carreira no magistério, como pessoas com muitos anos de magistério, com mestrado e doutorado, mas com o mesmo envolvimento e dedicação às suas produções. O resultado não poderia ser outro: todas e todos apresentando textos inéditos, criativos e trazendo excelentes reflexões sobre suas práticas, relacionadas ao livro *Pedagogia do oprimido*.

Mas o que, talvez, mais nos chamou a atenção, foi a alegria, o entusiasmo, a seriedade, o compromisso e a felicidade que cada autora e autor demonstrou, ao participar deste E-book, e o desejo da busca coletiva de inéditos viáveis para as situações-limite com as quais nos deparamos, sobretudo nos dias atuais.

Ficou clara a importância do livro *Pedagogia do Oprimido* para a educação do presente e do futuro, porque continua tendo forte impacto na vida das pessoas, inspirando-as sempre. E confirmou-se o que Freire escreveu neste livro sobre as relações homem-mundo: “Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais.” (FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, pg. 92).

Ao seu modo, cada autor falou de suas experiências de vida, de suas vivências profissionais, do seu lugar de origem, de suas culturas e de seu compromisso histórico com a educação que emancipa e torna o mundo menos injusto e mais humano. E, dessa maneira, todos fizeram a sua homenagem a Paulo Freire e, ao mesmo tempo, coerentemente com o que se propôs o curso, puderam expressar e dizer a sua própria palavra, vivenciando, na prática, as lições ensinadas por Freire.

A riqueza e a importância do *Pedagogia do oprimido*, nos seus 50 anos de existência, ficou mais uma vez demonstrada e comprovada nesta publicação, que em nada fica a dever a outros trabalhos e homenagens feitas a Freire no ano de 2018, no Brasil e no mundo. O trabalho de Freire continua influenciando a vida das pessoas, dando sentido à educação que fazem e que farão hoje e no futuro, num tempo que exige de todos nós, o aprofundamento de uma práxis humanizadora, emancipadora e, por isso mesmo, revolucionária.

Parabéns a todos e a todas que participaram desta publicação e às leitoras e leitores que, tendo lido os textos aqui apresentados, possam aceitar o nosso convite para que, juntos, sigamos reinventando Freire e fortalecendo o seu legado de diálogo e esperança sem pura espera.

Sigamos juntos.